FACULDADES MAGSUL

ELINETE PINTO MACHADO

ARTE DO CAMPO: O ENSINO DA ARTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA DO CAMPO NO PROJETO DE ASSENTAMENTO ITAMARATI NO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ-MS

PONTA PORÃ - MS

2013

ELINETE PINTO MACHADO

ARTE DO CAMPO: O ENSINO DA ARTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA DO CAMPO NO PROJETO DE ASSENTAMENTO ITAMARATI NO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ-MS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdades Magsul Ponta Porã, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.ª Me. Andréa Natalia da Silva

PONTA PORÃ- MS

2013

ELINETE PINTO MACHADO

ARTE DO CAMPO: O ENSINO DA ARTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA DO CAMPO NO PROJETO DE ASSENTAMENTO ITAMARATI NO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ-MS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdades Magsul Ponta Porã, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.ª Me. Andréa Natalia da Silva

Data de aprovação: 09/ 12/ 2013

Local: Faculdades Magsul

Banca Examinadora:

Orientador(a): Prof.ª Me. Andréa Natalia da Silva (UEMS)

Membro: Prof.ª Esp. Mariluz Siqueira de Souza Rios (FAMAG)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que sempre me incentivou e me apoiou, à minha orientadora Professora Andréa Natália da Silva, às escolas do campo, em especial a escola Estadual Nova Itamarati.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar â Deus, pela minha vida, pela minha saúde, pelas orações atendidas, por me dar força, sabedoria e me fazer persistente;

Ao meu esposo Valter por todo apoio, paciência, compreensão, palavras de incentivo, por ter acreditado que eu seria capaz, e com quem eu sabia que sempre poderia contar;

Aos meus três filhos Thiago, Taiane e Mariane pelo apoio, compreensão, carinho, preocupação e colaboração; agradeço as orações da minha mãe Izabel e minha irmã Olivia, principalmente nos dias de prova; as minhas irmãs Elsa, Edna, Gislene, irmãos Hélio e Osmar, meu padrasto Celso Lino, e demais familiares e amigos que torceram por mim;

Pelo incentivo do professor Genivaldo, quando disse que eu não me arrependeria por escolher o curso de artes, pelas suas exigências que só me fizeram crescer, e quando admirou os meus trabalhos práticos, isso foi muito importante para que eu me apaixonasse ainda mais pelos trabalhos artísticos;

Agradeço a todos os professores, em especial a professora Mary Rios, por todo seu carinho, apoio e incentivo;

Aos meus colegas de sala;

As amigas Franscielly, Jóici, Laís, Ane Gabrielly, Rayane;

E, por último, mas não menos importante agradeço a professora e orientadora Andréa Natalia, mulher guerreira, admirada, abençoada, doutoranda dedicada, professora sábia que não mede esforços para ensinar, ajudar, cobrar, transmitindo toda sua sabedoria com carinho, dedicação e prazer sempre. Com ela aprendi além deste trabalho, aprendi valores, aprendi a aprender.

MACHADO, ELINETE PINTO. **ARTE DO CAMPO**. 64 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Faculdades Magsul, Ponta Porã, 2013.

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso realizado nas Faculdades Magsul, teve como pergunta "como estão ensinando arte para nossas crianças do campo", surgiu da minha vivencia em assentamento desde o ano de 2004. Assim, alguns objetivos foram necessários tais como: investigar como são aplicadas as aulas de arte na escola do campo; observar como a arte educadora aplica arte a partir do cotidiano do aluno do campo; analisar se nas aulas de arte há respeito e valorização da cultura, das origens, levando em conta o ambiente em que vivem os alunos do campo; contribuir na melhoria do ensino por meio do projeto ação de arte no campo e despertar para uma valorização da cultura camponesa por meio do artesanato local com recursos naturais. Para isso, recorri à pesquisa sob uma abordagem qualitativa segundo Lüdke e André (1986) através de pesquisas bibliográficas, observação das aulas na Escola Estadual Nova Itamarati, localizada no Projeto de Assentamento Itamarati, por meio de leituras do Projeto Politico Pedagógico e contato com alunos, entrevistas com arte educadora. E, ainda foi aplicado um projeto de ensino, sobre arte utilizando os recursos naturais existentes no local.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da Arte. Ensino Fundamental. Educação no Campo.

MACHADO, ELINETE PINTO**. ARTE DE CAMPO.** 64 p. Finalización del curso de trabajo (pregrado) - Artes Visuales de golf, colegios Magsul, Ponta Pora, 2013.

RESUMEN

Este fin de obra, por supuesto, hecho en Colegios Magsul, tenía la pregunta "¿cómo se enseña arte a nuestros hijos en el campamento," vino de mis experiencias en el asentamiento desde el año 2004. Por lo tanto, se necesitan algunos objetivos como los que se aplicó para investigar cómo las clases de arte en el campo de la escuela; observar cómo educador de arte arte se aplica a partir campo del estudiante todos los días, analizarlo en clases de arte para el respeto y el aprecio de la cultura, el origen, teniendo en cuenta el entorno en el que los estudiantes viven campo; contribuir a la mejora de la enseñanza a través de proyectos de acción en el campo del arte y el despertar a una apreciación de la cultura campesina a través de la artesanía local con los recursos naturales. Por esto, me volví a investigar un enfoque cualitativo Lüdke segundo y Andrew (1986) a través de búsquedas en la literatura, la observaciónclases en la Escuela del Estado de Nueva Cancillería, que se encuentra en la solución de proyecto del Ministerio de Relaciones Exteriores, a través de lecturas Proyecto Político Pedagógico y el contacto con los estudiantes, entrevistas a educador de arte. Y sin embargo, se aplicó un proyecto de enseñanza en el arte utilizando los recursos naturales en el lugar.

Palabras clave: Arte Enseñanza. Educación Primaria. La educación en el campo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPITULO 1: ARTE EDUCAÇÃO.,,,,,,,,,,,,,.,,........,,14

1.1 Conceito de Arte...,,,,,,...14

1.2 O que é Arte para Nós..17

1.3 Nós e a Arte...18

1.4 A Arte e a Razão,,,,,,,,,,,,,...19

1.5 Arte Educação..20

1.6 Porque Arte na Educação Básica..21

1.7 Como Inserir a Arte na Educação..23

CAPITULO 2. EDUCAÇÃO DO CAMPO..26

2.1 Conceito de Educação do Campo..26

2.2 Metodologia da Educação do Campo..32

CAPITULO 3. O ENSINO DA ARTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA DO CAMPO...42

3.1 Como Foi a Realizada a Pesquisa..42

3.2 A Escola Estadual Nova Itamarati...42

3.3 Observações das Aulas..48

3.4 Perfil da Professora Entrevistada...53

3.5 Entrevista...54

3.6 Projeto e Aplicação do Projeto...56

3.7 Análise e Interpretação.....62

CONSIDERAÇÕES 63

REFERÊNCIAS.....64

INTRODUÇÃO

Sou Elinete Pinto Machado, nasci na cidade e Estado de São Paulo, onde meu pai também nasceu, cresceu e casou-se com minha mãe, que é baiana. Morávamos na zona rural. Quando eu tinha dois anos de idade, viemos morar no estado do Mato Grosso do Sul. Cresci na cidade de Dourados, em uma família grande e humilde, de sete irmãos, sendo cinco mulheres e dois homens. Apesar da humildade e simplicidade sempre fomos muito unidos. Meu pai faleceu há mais de dezoito anos, aos cinquenta e quatro anos de idade, por problemas de saúde.

Minha mãe, uma humilde dona de casa, quando jovem teve seu sonho de ser professora interrompido. Porque seu pai a obrigou a parar de estudar para que trabalhasse na roça. Passou por muitas dificuldades na vida. Hoje ela está casada novamente e mora na cidade de Dourados.

Resido na cidade de Ponta Porã desde o ano de 2004, quando meu esposo veio ajudar minha sogra a cuidar do sitio, que meu sogro adquiriu através da reforma agrária, ficando acampado por quatro anos, as margens da rodovia. Infelizmente, depois de quase um ano de assentado, sofreu um ataque cardíaco e faleceu. Por esse motivo, comecei a conviver com pessoas da zona rural. Além de ajudar minha sogra no sitio, começamos a realizar também trabalhos de contabilidade, profissão do meu esposo, e também trabalhos sociais no assentamento.

A escolinha que havia no Projeto de Assentamento Dorcelina Folador, era toda de madeira, não havia professores formados, estando em andamento, um projeto para a construção de uma escola. E como meu sogro fazia parte da associação, lutou junto, para que a escola fosse construída. Quando faleceu, a associação decidiu reivindicar o seu nome, Orlando Bueno de Moraes, para a futura escola, mas por motivos políticos, a escola ganhou outro nome.

Talvez esse fora um dos motivos que me fizera pensar no tema do meu TCC, a luta do meu sogro pela educação, a convivência com essas pessoas humildes, a maioria analfabetas, crianças que vi crescer e que estudam na escola. Tudo isso fez surgir uma preocupação de

"*como estão ensinando arte para nossas crianças do campo",* constituindo assim, numa pergunta condutora de meu TCC.

Pois, hoje, muitos professores se deslocam da cidade, para dar aula na escola do assentamento, daí a preocupação: será que estão fazendo um trabalho diferenciado? Assim como eu e meu esposo no escritório, 'falando a mesma língua', ensinando-os a valorizar sua cultura, suas raízes? Ensinando-os a explorar as riquezas naturais que o campo lhes oferece. Uma vez que nos assentamentos, existe uma diversidade cultural muito grande. Pessoas vindas de vários lugares do Estado, do país, e até do país vizinho, o Paraguai. A maioria sempre morou no campo, e trazem consigo a cultura campesina, maneira de viver que devem transmitir aos filhos. Ensinando-os a valorizar a sua cultura, a respeitar suas origens, e isso, também é um papel do profissional da educação. No caso do professor arte educador, que poderá explorar e desenvolver neles o gosto pela arte, a satisfação de estudar arte, ensiná-los a serem conhecedores da arte, a se conhecerem melhor, enfim, de diversas maneiras o arte educador contribuirá para o crescimento do aluno do campo.

Na minha época de escola, o ensino da arte era a educação artística, onde fazia desenhos livres, ou a professora fornecia os desenhos prontos para serem pintados, com as cores exatas, não era estudada a história da arte, obras de artistas famosos, desenvolvendo a criatividade, como no ensino da arte atual, onde os alunos fazem releituras, criam e recriam, realizam leituras nas aulas, trabalha a música, a dança, o teatro, se expressando livremente.

A Arte sempre esteve presente em minha vida, sempre gostei de desenhar, pintar, escrever, ler, inventar, costurar, dizia que quando crescesse iria ser estilista ou desenhista. Passei por fases difíceis na vida, nas crises de depressão, meus únicos prazeres de viver vinham da arte, passava horas desenhando, escrevendo, lendo, pintando. Meu sonho era cursar uma faculdade, e meu desejo de voltar a estudar cresceu ainda mais depois que foi aberto o curso de artes visuais nas Faculdades Magsul. Trabalho com meu esposo, que é contador, as pessoas não entendiam quando dizia que iria cursar artes, e não contabilidade, mas eu entendia e tinha total apoio dele, em 2009 prestei o vestibular, fiz a matrícula, mas as aulas não começaram no dia marcado, devido ao fato de não ter número de alunos suficiente para a formação de nova turma.

Dias depois, após sair o resultado do segundo vestibular da faculdade, o professor Genivaldo ligou, dizendo que iria começar as aulas, estava quase mudando de curso, em uma conversa com o professor, tive a certeza que estava ali para cursar artes, tenho muito a agradecê-lo, pois me ajudou a fazer a escolha certa.

A pergunta condutora do curso de artes visuais: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? Faz-nos refletir sobre nossa vida, lembrar-se da nossa árvore genealógica, nossa origem, nossos pais, avós, bisavós, nos faz pensar o nosso 'eu', nossa personalidade, nosso valor perante Deus, perante a vida, nosso amor próprio, quem somos, pois muitas vezes, somos dispersos, nos ocupamos demais com preocupações do cotidiano, nos esquecemos de nós mesmos, chegando à pergunta final para onde vamos.

Fica mais fácil saber para onde vamos, quando nos conhecemos e temos a certeza do que queremos, se estamos agindo de acordo com nossa vontade, nossos planos, ou nos deixando levar pelas imposições da vida, imposições da exigente sociedade em que vivemos, e muitas vezes querem nos impedir de termos opiniões próprias.

A pergunta condutora do curso é o nome de uma obra de arte, nessa obra, é possível notar, da direita para esquerda, uma evolução da vida humana. Começando com uma criança no canto e um adulto ao meio, em contato com o conhecimento.

Fig. 1 – Obra de arte: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?

Fonte[1]

Este trabalho de pesquisa que irei apresentar, foi desenvolvido com uma abordagem qualitativa, segundo Lüdke e André (1986), através de pesquisas bibliográficas, observações na Escola Estadual Nova Itamarati, situada no Projeto do assentamento Itamarati, por meio de leituras do Projeto Politico Pedagógico, observação das aulas, contato com alunos, professores e diretor. Sendo aplicado também, um projeto pedagógico de ação de arte, utilizando os recursos naturais existentes no local.

---

[1] Obra de 1897 de Paul Gauguin, Museu de Belas-Artes – Boston. velha anciã. Fonte: http://www.portalsaofrancisco.com.br - acesso em 10 de maio de 2013.

Assim, a pergunta do TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, "*como estão ensinando arte para nossas crianças do campo",* me conduziu há alguns objetivos tais como: investigar como são aplicadas as aulas de arte na escola do campo; observar como a arte educadora aplica arte a partir do cotidiano do aluno do campo; analisar se nas aulas de arte há respeito e valorização da cultura, das origens, levando em conta o ambiente em que vivem os alunos do campo; contribuir na melhoria do ensino por meio do projeto ação de arte no campo, e despertar para uma valorização da cultura camponesa, por meio do artesanato local com recursos naturais.

No primeiro capitulo apresentarei "Arte Educação", sendo: Conceito de arte; O que é arte para nós; Nós e a arte; A arte e a razão; Arte Educação; Porque arte na Educação Básica; Como inserir arte na educação.

No segundo capítulo a discussão é sobre "Educação do Campo"; Conceito de Educação do Campo; Metodologia na Educação do Campo.

No terceiro capítulo descrevo "O Ensino da Arte nos Anos Finais do Ensino Fundamental na Escola do Campo: um Estudo de Caso".

CAPITULO 1

ARTE EDUCAÇÃO

No primeiro capítulo apresentarei "**Arte Educação",** sendo: Conceito de arte; O que é arte para nós; Nós e a arte; a arte e a razão; Arte Educação; Porque arte na educação Básica; Como inserir arte na educação.

Ao longo do curso, tenho estudado que a arte faz parte da vida das pessoas de várias formas, através da vivência na sociedade, da cultura de cada região, as diferentes maneiras de pensar e agir, vestir e falar, indo além, chega-se a pensar que arte é vida, uma obra de arte, por exemplo, pode estar ligada ao sentimento do artista, a sua expressão, seja um pensamento, uma declaração de amor, ou até mesmo uma denúncia ou revolta.

Então, já adiantando e falando da simples maneira de viver a arte, que é viver a cultura de uma sociedade, até o trabalho de um artista com suas obras de arte, valiosas não só em moedas, mas em expressão e fatos. Tendo em vista que a arte é expressa de várias maneiras e formas, muitas vezes a percepção de arte é mínima, algo que passa despercebida, mas que faz constante parte de nossas vidas.

1.1 CONCEITO DE ARTE

Para entender Arte e Educação, se fez necessário o entendimento de que a arte para ser interpretada ou entendida, depende da maneira como é expressa, falada, vivenciada. Como por exemplo, começando lá na infância, quando a mãe dizia: 'não faz arte menino', então o que era essa arte? Como pode ser interpretada? Sim, porque, pensando como arte educadora, existe também esta 'opção' de arte, a forma como o menino tem para se expressar! Ou simplesmente o menino em questão está se divertindo, chega-se a pensar que arte também é diversão. Ou o menino está tentando chamar a atenção, dizendo 'eu estou aqui, eu existo'. Assim, arte também é expressão de sentimentos, é um grito de guerra, um pedido de socorro, ou um protesto de desacordo. É uma forma que talvez poucos entendam. Mas a simples 'arte' do menino, chega-se a citar uma expressão de obra de arte. Os grandes artistas usam sua arte

para criticar, protestar. E se inserir na sociedade injusta, em que viviam ou vivem. Ou como já citado anteriormente, para se divertir, encantar.

Coli (2004), no livro “O que é arte?”, aponta várias formas de expressão de arte. Que talvez não chegue a uma definição exata do que seja a arte. Já que envolve variadas formas de definições, por parte de artistas, obras de arte e pessoas comuns.

A forma como uma obra de arte é observada e interpretada, sempre vai depender do olhar artístico de cada um. Talvez nem se reconheça, o seu valor imediato, em um simples olhar. Devendo ser observada, estudada com precisão, e, na melhor das hipóteses ‘sentidas’, de uma forma a interpretar, o que o artista tem a dizer, com seu trabalho.

Mas nem todos, pensam dessa forma. Nem todos veem a obra de arte de forma intensa. Sem perceber, as pessoas acham que obras de arte são apenas trabalhos artísticos. Sim, são, mas não somente, ou simplesmente trabalhos artísticos. Vão muito além, sempre tem alguma mensagem a transmitir, e observando pela questão de trabalho artístico, há muito estudo envolvido. Muito trabalho desenvolvido, como uma questão estética. A exemplo, a questão das linhas, curvas ou retas, das cores, do tema, toda a composição dizem muito sobre o autor da obra. Quando se olha para uma obra de arte é preciso ter um olhar profundo. É possível, tecnologicamente falando, e se atrevendo a dizer, que é preciso um olhar 3D. Para olhar, perceber, sentir, não necessariamente é preciso gostar, mas sentir certo prazer é inevitável. (COLI, 2004).

A função da arte, segundo Coli (2004), é social, econômica, gratuita enquanto fenômeno cultural. Mas é triste enquanto bem de consumo, da selvageria capitalista, triste, porém necessária, para sua própria sobrevivência. Assim chega-se ao conceito de que [...] é possível dizer então que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nossos sentimentos é admirativo, isto é, nossa cultura possui uma noção que denominada solidamente algumas atividades e as privilegia (COLI, 2004, p.08)

Em relação às obras de arte, como manifestações da atividade humana, sabemos que são aquelas que admiramos, por serem obras de arte de artistas famosos. Mas, será que arte é assim. Só admiração? As artes são somente para serem admiradas? E, quando nos deparamos com obras de arte ”esquisitas”, “inusitadas”. Aquelas, encontradas em museus de arte contemporânea, por exemplo, um amontoado de terra, impossível admirar por admirar. Há uma série de reflexões a serem feitas, ao se deparar com uma obra assim. Perguntas que vem a cabeça: o que é isso? Para que serve? O que o artista ‘quis dizer’? Enfim, há por traz de uma

obra assim, muito estímulos para nossa curiosidade e indagação. A admiração fica em segundo plano.

Segundo o autor, Coli (2004), a questão é como saber, o que é ou não é uma obra de arte. Questão essa que somente os críticos têm o poder de responder e de distinguir. O autor afirma que há um consenso geral, valorizando obras de arte de grandes artistas, que não há como contestar.

A maioria dos grandes artistas é reconhecida quando já estão mortos. Pois na época em que viviam, havia muitos conflitos de critérios pré-estabelecidos, da arte que eles faziam. Talvez pela falta de sensibilidade dos críticos de sua época, pois, tinham um "padrão" a seguir, e uma visão insensível, em comparação aos dias atuais, que respeita as diferenças de estilos.

O autor cita que há vários estilos de artistas e épocas. Que é possível, fazer o reconhecimento de uma obra, saber o artista que a produziu. Através do seu estilo, por causa da época. Mas, também é preciso certo cuidado, pois uma obra de arte, não se resume apenas em estilo. Há outras formalidades a serem levadas em conta, ao reconhecer uma obra de arte.

Pois de acordo com Coli (2004)

> [...] as obras são complexas e é de sua natureza escapar as classificações; pois as classificações são complexas e nunca se reduzem a uma definição formal e lógica; pois a relação entre as obras e os conceitos classificatórios é, sobretudo, complexa. (COLI, 2004, p. 29)

Os artistas, segundo Coli (2004), não seguiam um estilo formal e sim um estilo próprio, não sabiam ao certo a que movimento pertenciam. Se Barroco, Gótico, ou se ao menos pertenciam a algum. Seguiam seu próprio estilo, de época, mas não se classificando a nenhum deles.

> André Breton, [...] que consistia em tomar a marca em relevo de uma superfície rugosa, [...] e com ela organizar um desenho ou um quadro, ou como a colagem de objetos diferentes (recortes de jornais, coisas do uso quotidiano ou recuperado do lixo, etc...), podiam permitir a manifestação da profundidade inconsciente do artista. (COLI, 2004, p.31).

Dessa maneira, os artistas trabalhavam seguindo o seu estilo, assim, construíam um estilo de época, inconscientemente. Contribuindo para a história da arte. Enriquecendo, com suas técnicas de ‘fazer arte’. Assim, [...] o importante não é assimilar seu estilo ao que supomos seja o gótico ou a pintura de Renascença, mas descobrir o que o artista revela como preocupações, como visão, qual a sua especificidade entre as artes do seu tempo. (COLI, 2004, p.35).

Perceber a mensagem que cada artista transmite através de sua obra, qual a visão de mundo que ele possui, é mais importante do que classificá-la, do que identificar um estilo, é sentir a sua essência, é observar o seu valor real.

A questão da classificação e do estilo das obras de arte, segundo Coli (2004), beneficia a história da arte, o historiador, e o arte educador.

1.2 O QUE É ARTE PARA NÓS?

“É importante ter em mente que a ideia de arte não é própria a todas as culturas e que a nossa possui uma maneira muito específica de concedê-la.” (COLI, 2004, p.64). Muitas vezes o que faz sentido como arte para nós, não faz sentido para outros povos e outras culturas. O que pode ser arte para nós, para outros povos podem ser instrumentos de rituais e magias.

Segundo o autor, a ideia de arte que possuímos hoje, muitas vezes, para muitos artistas, artesões do passado, não existia. Algo que hoje sabemos classificar, denominar, buscar referencias em outras épocas, em outras culturas. “O absoluto da arte é relativo à nossa cultura”. Coli (2004, p.65). O artista Duchamp, de acordo com Coli (2004), ao expor um vaso sanitário em um Museu de arte contemporânea, não estava supervalorizando o desenho do objeto. Mas sim, fazendo uma provocação ao público, aos críticos de arte, aos outros artistas, confirmando a tese de que arte, não é só uma obra, a ser contemplado, admirada, mas deve servir também para incitar sentimentos. Talvez os piores, como o que representa um ‘vaso sanitário masculino’, de nojo, de repúdio, enfim. Mas o que o artista afirmava era que ‘’São os olhadores que fazem um quadro’’.

O que se sente ao olhar uma obra de arte. O que há de mais importante para um artista que executa sua obra? Colocando seus mais profundos sentimentos? Sua dor, sua

alegria, ou simplesmente um sentimento apelativo. Uma mistura de apelação com demonstração, ou com intenção de provocar e despertar curiosidades.

A arte para nós é o que queremos que ela seja... Com nosso olhar e com nossa cultura.

1.3 NÓS E A ARTE

Segundo Coli (2004) “Mário de Andrade disse uma vez que a arte não é um elemento vital, mas um elemento da vida. Não nos é imediatamente necessária como a comida, as roupas, o transporte e descobrimos nela a constante do supérfluo, do inútil.” (COLI, 2004, p.87)

E, completa esta frase dizendo que exprime o amor e a atenção que o homem consagrou a ela. Então arte faz parte de nossas vidas de maneira sublime, especial. A arte nos permite expor nossos sentimentos de maneira leve, muitas vezes passando despercebida, por isso chamada supérflua, a arte não faz parte do racional, e sim, por assim dizer, do essencial. Não necessária de forma gratuita, sem função, mas valor, prestígio e digno de atenção. Então, afirma Coli que a arte “[...] para sobreviver, ela necessita de uma assistência, seja enquanto criação seja enquanto conservação”. Proteção artificial, do governo ou da empresa privada. (COLI, 2004, p.91)

A obra de arte, a arte em si, precisa ser aclamada, aplaudida, restaurada, conservada, vigiada, para continuar a ter o seu valor, não só valor capital, mas também valor sentimental, e continuar a ser obra de arte, continuar a ser arte, com seus registros na história da arte, na história da humanidade.

1.4 A ARTE E A RAZÃO

A Arte e a razão como falar sobre isso. Bom, não deixando de lado a razão, pois se faz necessário certa organização também no sentido material e técnico, para que a arte aconteça, há todo um processo a seguir antes que a arte se torne arte. [...] Se a arte não é imediatamente vital, ela representa em nossa cultura um espaço único, onde as emoções e intuições do homem contemporâneo podem desenvolver-se de modo privilegiado e especifico. (COLI, 2004, p.104)

Envolvendo não só sentimentos, mas também o motivo para que tudo aconteça de forma a enriquecer o trabalho artístico, é certo que alguns artistas não seguem padrões, mas não se desvia nunca da proposta do seu trabalho, por isso é preciso estar atento a sua essência.

Coli (2004) afirma que ‘A arte não se isola, um a um, os elementos da causalidade, ela não explica, mas tem o poder de nos fazer sentir’.

A arte mexe não só com a nossa imaginação, mas também com nossos sentimentos, mesmo o artista tendo o propósito real ao realizar um trabalho, ele irá transpor ali algum sentimento pessoal, que nos é permitido perceber ao contemplarmos o seu trabalho, talvez sem explicação, só percebe-se.

“[...] A arte constrói, com elementos extraídos do mundo sensível, outro mundo [...]” (COLI, 2004), afirma o autor, que atinge a nossa sensibilidade e nos faz viajar em outro mundo, no nosso próprio, ou no mundo que gostaríamos que existisse, um mundo que assim como a arte, seduz, transforma, evolui, muda para melhor, se valoriza e nos valoriza, como pessoas mais humanas, mais sensíveis, menos arrogantes, menos interesseiras.

1.5 ARTE EDUCAÇÃO

A arte foi inserida na Educação do Brasil como Educação Artística. Foi incluída no currículo escolar em 1971, por meio, da Lei 5692/71. Somente em 20 de dezembro de 1996, ela passou a ser conhecido nos currículos como artes, através da Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional nº 9394. Nesse contexto foi estabelecido a sua obrigatoriedade no ensino da educação básica[2].

Segundo os autores Fusari e Ferraz (1993)

> A educação através da arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence.(FUSARI e FERRAZ, 1993, p.15).

Na arte educação o ensino não é limitado à disciplina de arte, mas sim envolve o aluno em todos os aspectos, sua cultura, suas origens, o arte educador procura desenvolver um trabalho com o aluno a partir da sua realidade, a partir do ser humano que é, desenvolvendo nele não só a criatividade, mas também um pensamento critico perante a vida.

Para trazer melhorias para o ensino de arte nas escolas, segundo FUSARI, no final da década de 70, constituiu-se no Brasil o movimento Arte- Educação, com os seguintes propósitos, segundo a professora Varela (1988, p.2):

> "o espaço da arte-educação é essencial à educação numa dimensão muito mais ampla, em todos os seus níveis e formas de ensino. Não é um campo de atividade e conteúdo de pouco significado. Muito menos está voltado apenas para as atividades artísticas. É território que pede presença de muitos, tem sentido profundo, desempenha papel integrador plural e interdisciplinar no processo formal e não-formal da educação. Sob esse ponto de vista, o arte-educador poderia exercer um papel de agente transformador na escola e na sociedade". (FUSARI e FERRAZ, 1993, p.15).

---

[2] Cap. II, Art.26, § 2º - "O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos".

O movimento defendia principalmente a livre expressão do aluno e do profissional de arte educação, mostrando que em se tratando de artes poderiam ir muito além dos trabalhos artísticos.

1.6 PORQUE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

É necessário inserir a arte na educação, porque, Arte é amparada pela legislação, na Constituição Brasileira nº. 208 e 210.

E, também segundo os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais de arte, 2001)

> Desde o início da história da humanidade, a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formas culturais. O homem desenhou um bisão numa caverna pré-histórica, teve que aprender de algum modo, seu oficio. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com as normas e acordos estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar, em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizam o século XX em várias partes do mundo. (BRASIL, 2001, p.21).

A arte sempre fez parte da vida do homem de alguma maneira, sempre o influenciou em sua maneira de viver e ver a vida, o homem está sempre ‘aprendendo’ com a arte. Na área da educação o ensino de artes sofreu várias transformações ao longo dos tempos.

> Ao professor destina-se um papel cada vez mais irrelevante e passivo. A ele não cabia ensinar nada e a arte adulta deveria ser mantida fora dos muros da escola, pelo perigo da influencia que poderia macular a “genuína” e a espontânea expressão infantil.(BRASIL, 2001, p.22)

O objetivo era desenvolver na criança a sua criatividade, sem interferências, mas com o passar do tempo foi tomando rumos diferentes, banalizando o ensino de arte, tornando o ensino sem propósito, sem ideias concretas, sem precisão.

> Na entrada da década de 60, arte-educadores, principalmente americanos, lançaram bases para uma nova mudança de foco dentro do ensino de arte, questionando basicamente a ideia do desenvolvimento espontâneo da expressão artística da criança e procurando definir a contribuição especifica de arte para a educação do ser humano. (BRASIL, 2001. p.23)

O MEC lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais, com objetivos específicos, para que os profissionais da área de educação, juntamente com as escolas, utilizassem como referência e base para o trabalho educacional.

> Atualmente professores de todos os cantos do mundo se preocupam em responder perguntas básicas que fundamentam sua atividade pedagógica: "Que tipo de conhecimentos caracteriza a arte?", Qual a função da arte na sociedade?", "Qual a contribuição especifica que a arte traz para a educação do ser humano?", "Como as contribuições da arte podem ser significativas e vivas dentro da escola?" e "Como se aprende a criar, experimentar e entender a arte e qual a função do professor nesse processo?".(BRASIL, 2001, p. 24)

Essas e outras perguntas só serão obtidas através de pesquisas, estudos de caso, práticas de ensino, experiências vivenciadas nas aulas de arte, observações, interdisciplinaridade nas escolas.

> [...] antes de ser preparado para explicar a importância da arte na educação, o professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o individuo e a sociedade. O papel da arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno veem o papel da arte fora da escola. [...]
> (FERRAZ e FUSARI, 2001, p.16)

Dessa maneira Ferraz e Fusari (1999) contribuiram para pensar que o aluno e a professora darão importância ao ensino da arte, se souberem seu papel fora da escola, na sociedade.

1.7 COMO INSERIR A ARTE NA EDUCAÇÃO

Como inserir a arte na educação, é aqui respondida por meio de Ferraz e Fusari (1999), para eles:

> Os seres da natureza, bem como os objetos culturalmente produzidos, despertam em todos nós diversas emoções e sentimentos agradáveis ou não aos nossos sentidos e ao nosso entendimento. Logo ao nascer, passamos a viver em um mundo que já tem uma história social de produções culturais que contribuem para a estruturação de nosso senso estético. Desde a infância, tanto as crianças como nós, professores, interagimos com as manifestações culturais de nossa ambiência e vamos aprendendo a mostrar nosso prazer e gosto [...].(FERRAZ e FUSARI, 1999, p.16)

Então, entendo que para inserir arte na educação basta trabalhar os objetos culturalmente produzidos na sociedade que manifeste o prazer e o gosto dos grupos dessa sociedade. A arte já está inserida em nossa vida desde que nascemos, basta saber agora, como arte educadora, inserir a arte na educação, com todo o cuidado, respeitando os valores de cada aluno, sua cultura, o ambiente em que vivem saber lidar com a multiculturalidade que reina em uma sala de aula e fora dela, no seu habita.

Assim Ferraz e Fusari (1999) afirmam que

> [...] para desenvolver bem suas aulas, o professor que esta trabalhando com a arte precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva dos alunos. Nessa concepção, sequenciar atividades pedagógicas que ajudem o aluno a aprender a ver , olhar, ouvir, pegar, sentir, comparar os elementos da natureza e as diferentes obras artísticas e estéticas do mundo cultural, deve contribuir para o aperfeiçoamento do aluno. (FERRAZ E FUSARI, 1999. p. 21)

O arte educador possui as mais diversas formas de inserir arte na educação do aluno, ter o domínio da aula e prestar atenção nas especificidades do aluno é essencial para uma aula bem aplicada e produtiva.

> A criança se exprime naturalmente, tanto do ponto de vista verbal, como plástico ou corporal, e sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo da criança percebe-se que ele resulta das elaborações de sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente. Por isso, quando ela desenha, pinta, dança e canta, o faz com vivacidade e muita emoção. (FERRAZ E FUSARI, 1999. P.55)

Daí a importância de se prestar atenção nas especificidades do aluno, pois eles, principalmente, quando crianças, se expressam da maneira mais verdadeira possível, assim, devemos chegar, o mais próximo da sua realidade possível, ao aplicar uma aula de arte, para que contribua com a autenticidade dessa expressão de quem está em fase de aprendizado.

Existem muitas maneiras de inserir arte na educação e uma delas segundo Ferraz e Fusari (1999) é a brincadeira

> As atividades lúdicas são também indispensáveis à criança para a apreensão dos conhecimentos artísticos e estéticos, pois possibilitam o exercício e o desenvolvimento da percepção, da imaginação, das fantasias e dos sentimentos. O brincar nas aulas de arte pode ser uma maneira prazerosa de a criança experimentar novas situações e ajudá-la a compreender e assimilar mais facilmente o mundo cultural e estético. Um outro ponto é que a pratica artística é vivenciada pelas crianças pequenas como uma atividade lúdica, onde "o fazer" se identifica com "o brincar", o imaginar com a experiência da linguagem ou da representação. (FERRAZ E FUSARI,1999, p.84)

Ao aprender brincando a criança se expressa mais facilmente e consequentemente aprende mais, assimilando melhor as propostas pedagógicas do ensino da arte.

> A metodologia pode ser considerada como o método em ação, onde os princípios do método (atitude inicial, básica, de percepção da realidade e suas contradições) estarão sendo mencionadas na realidade da prática educacional.[,,,] Todavia, para que a metodologia cumpra este objetivo de ampliação da consciência é fundamental que ela tenha uma origem nos conteúdos de ensino; considere as condições objetivas de vida e trabalho dos alunos e professores; utilize competentemente diferentes técnicas para ensinar e aprender os conteúdos e os diferentes meios de comunicação. (FERRAZ E FUSARI, 1999, p. 101)

Assim, utilizando as diferentes técnicas de ensinar arte, o arte educador estará expandindo o conhecimento do aluno, diversificando a sua aprendizagem, proporcionando um ensino de qualidade, já que o aluno terá a chance de se identificar com as aulas diferenciadas.

> [...] é importante que os professores de Arte estejam sempre atentos e atualizados para organizarem uma educação escolar de boa qualidade em que seus alunos possam efetivamente fazer e apreciar trabalhos em linguagens visuais e dramáticas, bem como em música, dança, audiovisuais, dentre outras, e encontrar seus próprios tempos e lugares na cultura e na história humana. (FERRAZ E FUSARI, 1999, p. 117)

A arte na educação é inserida de infinitas maneiras e formas, como por exemplo, através de vídeos; filmes; da tecnologia da informática; de visitas culturais, em museus, teatros, cinema, exposições, entre outros; com releituras e análise das obras de arte; através do estudo da linha do tempo da história da arte; leituras bibliográficas; projetos de pesquisa; realização de projetos em datas comemorativas; através da música, dança, teatro, fotografia; trabalhos artísticos desenvolvidos com diversos materiais, como reciclagem, argila, papéis, tintas, enfim, através de uma metodologia diferenciada, interdisciplinar, é possível ensinar arte de maneira prática e prazerosa, levando ao conhecimento do aluno infinitas possibilidades de se aprender com o ensino da arte.

Proporcionar ao aluno o seu enriquecimento cultural, seu desenvolvimento da criatividade, as diferentes maneiras de se expressar, seu crescimento pessoal e intelectual. Aplicando as aulas de forma prazerosa e proporcionando ao aluno um contínuo aprendizado.

CAPÍTULO 2

EDUCAÇÃO DO CAMPO

Nesse segundo capítulo apresento a "**Educação do Campo"**, com os seguintes itens: Conceito de Educação do Campo; Metodologia da Educação do Campo.

2.1 CONCEITO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

Para compreender o conceito de educação do campo, recorri ao texto sobre "Educação do campo" de Roseli Salete Caldart (s/a). Nele a autora diz que

> A materialidade de origem (ou de raiz) da Educação do Campo exige que ela seja pensada/trabalhada sempre na tríade: Campo - Política Pública - Educação. É a relação, na maioria das vezes tensa, entre estes termos que constitui a novidade histórica do fenômeno que batizamos de Educação do Campo. (CALDART, s/a, p.02)

Dessa maneira, isso exige dos professores que eles tenham conhecimentos sobre o campo, política pública e educação para que suas atividades pedagógicas também sejam atitudes políticas. A autora ainda afirma que

> [...] uma primeira compreensão necessária pra nós é de que se o conceito de Educação do Campo, como parte da construção de um paradigma teórico e político, não é fixo, fechado, também não pode ser aleatório, arbitrário: qualquer um inventado por alguém, por um grupo, por alguma instituição, por um governo, por um movimento ou organização social. Pelo nosso referencial teórico, o conceito de Educação do Campo tem raiz na sua materialidade de origem e no movimento histórico da realidade a que se refere. Esta é a base concreta para discutirmos o que é ou não é a Educação do Campo. (CALDART, s/a, p. 02)

Não se pode afirmar um único conceito do que é educação do campo, pois estaríamos realizando um conceito fechado quando na realidade há muita discussão envolvendo a educação do campo que deve estar sempre em aberto, mas não aleatoriamente, é preciso

basear-se no conceito histórico que envolve a educação do campo, se tornando assim, um conceito em constante movimento que envolve a educação do campo, discussões politicas e sociais.

Assim Caldart (s/a) afirma que

> Precisamos ter cuidado: pensar os termos separados significa na prática promover uma desconfiguração política e pedagógica de fundo da Educação do Campo. E mais: se queremos ajudar a construir uma concepção que seja fiel à sua materialidade de origem, além de pensar as relações é preciso pensar em uma determinação primeira: foi o campo, sua dinâmica histórica, que produziu a Educação do Campo. Ou seja, o campo é mesmo o primeiro termo da tríade. E não uma "ideia" de campo, mas o campo real, das lutas sociais, da luta pela terra, pelo trabalho, de sujeitos humanos e sociais concretos; campo das contradições de classe efetivamente sangrando. (CALDART, s/a, p. 02)

Segundo a autora do texto uma das questões a ser pensada deve se baseada na relação Campo - Política Pública - Educação, uma questão que 'assusta' há muitos e muitas vezes é fragmentada, por motivos de interesses políticos, pela falta de preocupação com o camponês e sim, com interesses próprios.

> A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos Sem Terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de Reforma Agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade. (CALDART, s/a, p. 02)

E necessário que se tenha certo cuidado com essa fragmentação, pensar mais no sujeito humano que vive no campo, suas lutas e conquistas, dando a devida atenção as suas vivencias, o ambiente, o trabalho braçal que realiza no campo, só então acrescentar a educação, fazer políticas públicas beneficiando e suprindo as suas necessidades, pensar na educação como integração do ser humano como um todo.

> É importante ter presente que está em questão na Educação do Campo, pensada na tríade campo - política pública - educação e desde os seus vínculos sociais de origem, uma política de educação da classe trabalhadora do campo, para a construção de um outro projeto de campo, de país, e que pelas circunstâncias sociais objetivas de hoje, implica na formação dos trabalhadores para lutas anticapitalistas, necessárias à sua própria sobrevivência: enquanto classe, mas também enquanto humanidade. Formação que inclui a afirmação de novos protagonistas para pensar/construir esta política: os próprios trabalhadores do campo como sujeitos construtores

> de seu projeto de formação. Ou seja, são os trabalhadores que fundamentalmente não podem perder a noção da tríade e do projeto mais amplo. E, diga-se, estamos nos referindo a uma política que não se reduz à política pública, mas que inclui/precisa incluir políticas de acesso à educação pública para o conjunto dos camponeses, para o conjunto das famílias trabalhadoras do campo. (CALDART, s/a, p. 03)

Não podemos esquecer jamais que a educação do campo, enquanto concepções e lutas provem dos movimentos sociais. Primeiramente, das lutas pela terra, por direito às escolas nas áreas da reforma agrária, por uma educação dirigida especificamente a comunidade campesina, levando em conta seus projetos e direitos, como cidadão que é, suas especificidades, necessidades, valores, cultura, é necessário pensar na educação do campo não só 'para o homem do campo' mas 'com' o homem do campo, é isso que faz toda a diferença, pois é uma educação que vem a acrescentar na vida do camponês, no conjunto familiar.

> A Educação do Campo trata de uma especificidade; assume-se como especificidade: na discussão de país, de política pública, de educação. Essa característica nos tem aproximado e distanciado de muitos sujeitos/grupos que fazem e discutem educação e que defendem uma perspectiva de universalidade, de educação unitária e que nos alertam para o perigo da fragmentação das lutas da classe trabalhadora. Também aqui há uma tensão a ser enfrentada, para que a contradição real possa ser apreendida e superada. (CALDART, s/a, p. 03)

É necessário que se tenha o cuidado na especificidade da educação do campo, pois pode se tornar uma educação reduzida, ou diferente, é preciso saber aplicar as políticas públicas e a educação de forma a não separar, saber lidar, falar a mesma língua, incluir, acrescentar com responsabilidade, saber respeitar as diferenças.

Ajudando- a se valorizar, a se expressar, enfrentar os preconceitos de uma sociedade que os discriminam, muitas vezes por falta de conhecimento, pois não se pode pensar em um país sem a produção do homem do campo.

> O que nos parece fundamental entender para não nos desviarmos da discussão de origem é que a especificidade de que trata a Educação do Campo é do campo, dos seus sujeitos e dos processos formadores em que estão socialmente envolvidos. Não tem sentido, dentro da concepção social emancipatória que defendemos afirmar a especificidade da Educação do Campo pela educação em si mesma; menos ainda pela escola em si mesma (uma escola específica ou própria para o campo). Isso é reducionismo; politicamente perigoso e pedagogicamente desastroso. E este reducionismo de fato tem aparecido nos debates e nas práticas, exatamente pela tendência

> indicada antes de descolamento dos termos da tríade de constituição originária da Educação do Campo. (CALDART, s/a, p. 03)

A ideia de divisão de sociedade rural e urbana acaba por dividir também o ser humano, claro que cada um tem a sua especificidade, mas as duas devem ser tratadas não se esquecendo do fator essencial e primordial que é o ser humano, o ser vivente que constitui a sociedade e que possui também as igualdades. ‘Somos todos iguais perante o olhar de Deus’.

> No caso da Educação do Campo, manter a contradição instalada significa continuar sua trajetória sendo fiel ao seu percurso original de vínculo com os ‘pobres do campo’ e com suas organizações e lutas sociais. Porque é destes sujeitos (que hoje “lutam pra deixar de morrer”) que estão nascendo/podem nascer experiências, alternativas, que contestam mais radicalmente a lógica social dominante, hegemônica e recolocam a perspectiva de construção social para “além do capital”. É disso que se trata na questão da resistência política, econômica e cultural do campesinato, de uma outra lógica de trabalho no campo que não o assalariamento, que não a agricultura de negócio. É disso também que se trata na questão da agroecologia vinculada à justiça social e à soberania alimentar, da cooperação entre os trabalhadores, de projetos educacionais que se vinculam a estes processos. (CALDART, s/a, p. 04)

O homem do campo não deve ser visto como um ser ignorante, distante da realidade do mundo, deve ser levado em consideração a riqueza de conhecimento que possui na sua trajetória de vida, e o seu trabalho campesino não é inferior ao trabalho assalariado, sua educação não deve ser inferior, mas diferenciada, até mesmo acrescentada pelo valor cultural que possui, pela importância e responsabilidade que tem perante a sociedade, de levar sua produção para a mesa do homem da cidade.

> O que queremos chamar a atenção, pois, é que a premissa do vínculo entre campo e educação, entre projeto de campo e projeto de educação, essencial à concepção da Educação do Campo, pode também nos fazer cair na armadilha da visão liberal de educação. A chamada “educação rural” já foi isso: uma visão pragmática e instrumentalizada a da educação, colocada a serviço das demandas de um determinado modelo de desenvolvimento de campo. Isso não tem nada de emancipatório: e ainda menos quando se trata de uma visão setorial de desenvolvimento ou da lógica dominante de pensar a produção apenas na dimensão do negócio. (CALDART, s/a, p. 05)

E necessário prestar muita atenção no que diz respeito ao assunto em questão Campo e Educação, para não correr o risco de ao fazermos uma junção dos dois se tornar uma educação rural, uma educação que se limita a determinadas áreas do campo.

> A visão de campo da Educação do Campo exige por si só uma visão mais alargada de educação das pessoas, à medida que pensa a lógica da vida no campo como totalidade em suas múltiplas e diversas dimensões. Mas ainda assim há um risco de instrumentalização. Já sabemos pela história: toda vez que se subordina a educação a interesses/necessidades de formação imediata (por "melhores" que sejam) a educação se empobrece do ponto de vista de formação humana, de perspectiva unilateral, necessariamente de "tempo longo". E essa perspectiva pedagógica não tem nada a ver com a defesa de uma educação descolada da vida real. Ao contrário, é exatamente a vida real que para ser emancipada exige processos educativos mais complexos, densos, relacionais, de longa duração. (CALDART, s/a, p. 05)

A educação mais aberta, prolongada, continua, enfatiza o homem em sua totalidade, utilizando de uma pedagogia clara, objetiva, completa.

> As lutas e o debate da Educação do Campo sobre políticas públicas têm se centrado na escola, ou nos processos de escolarização, mas sua materialidade de origem e seus vínculos com uma teoria pedagógica emancipatória tencionam esta centralidade e a própria concepção de escola que dela decorre. (CALDART, s/a, p. 05)

As políticas públicas não podem focar somente na educação escolar, mas na educação do homem como um todo, levando em consideração o ambiente em que vive, o histórico de vida como homem camponês, desenvolvendo projetos que o englobam na sua totalidade, não se limitando somente no fator escola.

> A escola é um direito de todas as pessoas. Ela tem um papel educativo específico no mundo moderno, a ponto de que quem não passa por ela fica hoje efetivamente em condição social desigual. Mas reconhecer isso não é/não precisa ser o mesmo que absolutizar a educação escolar, como se apenas ela 'contasse' na vida das pessoas e, pior, considerar a escola como referência única para pensar todos os processos formativos. Isso é um reducionismo, enganoso do que de fato é a realidade da própria sociedade capitalista atual. Reducionismo que é agravado pela difusão de uma visão igualmente simplificadora de escola, como se o processo educativo escolar fosse igual à dimensão da instrução ou do ensino. O projeto educacional que ajuda a dar sustentação à forma de sociedade que temos nunca foi somente escolar. E o processo educativo garantido pela escola nunca foi somente baseado no ensino. (CALDART, s/a, p. 06)

É necessário ir além, com um olhar mais focado no ser humano do que na escola, para se desenvolver os projetos educacionais que vão além da educação escolar, superando as expectativas e exigências do mundo atual.

> Do ponto de vista da teoria pedagógica (que ainda não pode ser o mesmo da política pública) descentrar-se da escola é condição para que a Educação do Campo se mantenha fiel a uma visão mais alargada de educação e não perca o horizonte das grandes questões da formação humana, reafirmando trabalhando uma concepção de educação emancipatória. (CALDART, s/a, p. 06)

Assim, sendo, o homem do campo irá além com seus antigos e atuais conhecimentos adquiridos ao longo de sua vivencia no campo, com transformações positivas não só para a educação, como também para com a sua vida pessoal e integração social.

> De um lado, pelos sujeitos que a Educação do Campo coloca em cena e pelas questões de sua realidade, isso pode trazer interrogações importantes sobre a que conhecimentos ter acesso, produzidos por quem e a serviço de que interesses, retomando o tenso e necessário vínculo entre conhecimento, ética e política. Se for fiel aos movimentos sociais de sua constituição, a Educação do Campo combinará a luta pelo acesso universal ao conhecimento, à cultura, à educação com a luta pelo reconhecimento da legitimidade de seus sujeitos também como produtores de conhecimento, de cultura, de educação, tencionando, pois, algumas concepções dominantes. É o que já acontece em muitas de nossas práticas, reflexões, debates. (CALDART, s/a, p. 06)

O homem do campo traz consigo uma cultura rica, farta de conhecimento, que unida a educação tem seu valor reconhecido, além de produtor rural é também um produtor de conhecimentos, que muitas vezes não possui habilidades de expressão.

> A instrução é um direito universal. O conhecimento é direito e é necessário. Mas é falsa esta centralidade quando ele é entendido nestes termos, como descolado de outras dimensões de um processo formativo; quando se separa conhecimento de valores e de interesses sociais. O projeto educacional/cultural que sustenta o capitalismo não é colocado em discussão nos espaços educacionais, como a escola, por exemplo, porque se convence aos professores de que só importa discutir os métodos de instrução ou de ensino, ou as formas de apropriação de conhecimentos supostamente neutros, produzidos fora da história e para além de parâmetros sociais, éticos, humanos. Isso é politicamente e humanamente muito perverso. (CALDART, s/a, p. 07)

Tratando o indivíduo como instrumento de aprendizado escolar, esquecendo ou deixando de lado o ser vivente que possui uma bagagem já vivida anteriormente e que tem a necessidade de uma relação humana e digna e reconhecida como ser humano.

> A Educação do Campo precisa trabalhar com a questão do pluralismo. Ela precisa desta ideia: existe o outro e ele deve ser respeitado. Os sujeitos do campo são diversos e esta diversidade precisa ser incorporada em nossa reflexão político-pedagógica. (CALDART, s/a, p. 07)

O respeito deve ser mútuo, pois a população do campo é grandiosa, muitas vezes, como no caso do assentamento acaba por se tornar uma comunidade rural com uma diversidade cultural, pessoas vindas de varias regiões do país, na educação do campo deve-se levar em conta essa pluralidade para que possa atingir a todos de maneira positiva e produtiva, pois são pessoas com dificuldades especificas, não só financeiramente, mas o índice de analfabetismo é muito grande, sofrem muita discriminação, são carentes, carentes de atenção, de carinho, muitas vezes carentes da palavra de Deus, em sua simplicidade demonstram essas carências muitas vezes de forma agressiva, sendo interpretadas de forma equivocadas, por falta de orientação, informação e compreensão.

2.2 METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Quanto a metodologia da educação do campo, Souza (1997) cita na LDB (Lei de Diretrizes e Base) artigo nº. 28

> "[...] a necessidade de um tratamento diferenciado na oferta da educação básica à população rural, envolvendo conteúdos curriculares e metodologias, calendário escolar adequado às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas". O artigo dispõe ainda, que a oferta da educação básica deve ser adequada "à natureza de trabalho rural." (SOUZA, 1997, p.49)

Dessa maneira os conteúdos e as metodologias, no ensino de arte na educação do campo, deve ser como afirmam FERRAZ e FUSARI (1999), pois eles dizem que:

> [...] desde muito pequena a criança participa das práticas sociais e culturais de sua família, de seu meio, enfim dos grupos com os quais convive. Gradativamente, ela vai descobrindo o mundo físico, psicológico, social, estético e cultural que lhe é apresentado pelos adultos (e outras crianças) no dia- a- dia. A sua formação como sujeita em processo de humanização vai se estruturando a partir das experiências assimiladas em interação com as outras pessoas. É, pois inserida no ambiente afetivo e cultural que a criança vai desenvolver seu processo de socialização. (FERRAZ e FUSARI, 1999, p.41)

O ensino da arte no campo então, deve respeitar o limite da criança do campo, o arte educador deve prestar atenção ao que se ensina, se as aulas estão de acordo com o ambiente do campo. Alem disso, ele deve estar sempre enfatizando a realidade dessas crianças, a visão de mundo, a linguagem utilizada, as atividades artísticas utilizando os recursos naturais que possuem no ambiente em que vivem. Deve sim ser um trabalho diferenciado, não desmerecido, talvez até mais enriquecedor, devido à multiculturalidade reinante no local, devido a riqueza dos fatores naturais existentes no campo.

É importante entender a diferença entre educação rural e educação do campo, para então entender e compreender o contexto do termo. Para uma melhor compreensão recorri ao texto "Educação do campo: políticas e práticas pedagógicas", de Maria Antônia de Souza (2008)

Nele a autora diz que

> Inicialmente é preciso mencionar a diferença primordial entre educação do campo e educação rural, tal como posta no debate acadêmico e político da atualidade. [...] Na trajetória da educação rural, o homem do campo foi concebido como exemplo do atraso, e a politica educacional se organizava em conformidade com os interesses capitalistas predominantes em cada conjuntura. "Nos anos de 1960, Freire. "[...] revolucionou a prática educacional, criando os métodos de educação popular, tendo por suporte filosófico-ideológico os valores e o universo sociolinguístico-cultural desses mesmos grupos." (LEITE, 1999, p.43, apud. SOUZA, 2008, p. 93)

A educação rural objetivava "treinar e educar" os sujeitos "rústicos" do campo, para que estes termos não fossem mais utilizados, e a educação do homem do campo melhorassem, os movimentos sociais pensaram numa educação voltada ao homem camponês, levando em consideração o seu ambiente de vivência não como melhorar a vida rústica do sujeito.

Pelo contrario "[...] O movimento social questiona o paradigma da educação rural e propõe a educação do campo como um novo paradigma para orientar as politicas e práticas pedagógicas ligadas aos trabalhadores do campo". Assim foi que

> A educação foi conquistando lugar no interior do próprio MST, que tinha as estratégicas politicas e a ocupação da terra como prioridades. As primeiras inquietações originaram-se em torno das crianças dos acampamentos e dos assentamentos, evidenciando a necessidade da construção de escolas e da inserção das crianças no ambiente da educação formal. Posteriormente, as

> reflexões sobre práxis educativa foram ocupando espaço educativo. (FERNANDES, 1996; GOHN, 1992, apud. SOUZA, 2008, p. 94)

Para que o aluno se sentisse mais protegido e amparado no seu contexto ambiental e cultural, tendo sua vivência valorizada e pudesse se dedicar e se expressar de forma mais natural e produtiva.

> O lançamento do Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária, em 1998, demonstra o fortalecimento da educação do campo na politica educacional; demonstra a força dos movimentos sociais, conquistada pelo acúmulo de experiências e conhecimentos na área. (SOUZA, 2008, p. 96)

Através das experiências vivenciadas pelo MST foi possível uma visão mais ampla da necessidade da implantação de uma educação especial voltado para um público específico com necessidades e especificidades diferenciadas, muitas vezes esquecidas, não valorizadas, ou desconhecidas.

> O marco da inserção da educação do campo na agenda politica educacional pode ser indicado a partir da LDB 9394/96, ao afirmar. Em seu artigo 28, a possibilidade de adequação curricular e metodologias apropriadas ao meio rural; flexibilizar a organização escolar, com adequação do calendário escolar. (SOUZA, 2008, p. 194).

Então se pode afirmar que a educação do campo esta amparada por lei e é necessário que se atente a cumpri-la, seja a população do campo, escola, alunos, autoridades, defendendo seus direitos e deveres.

> A educação do campo tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido , mais do que um perímetro não-urbano, e um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações de sociedade humana. (BRASIL, 2001.p.01, apud. SOUZA, 2008, p. 196).

Assim, sendo, é lei o respeito à dignidade do homem do campo, como aluno, ser humano, trabalhador, e suas especificidades, não só em área da reforma agrária, mas no campo em geral, em se tratando de cultura e identidade.

E ainda garantido por lei:

> Propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso do avanço cientifico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidades aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas. (IDEM, IBID. ano, p. 25, apud. SOUZA, 2008, p. 196)

Respeitando as características do campo e os direitos do camponês enquanto cidadão, com justiça e igualdade, através de uma proposta pedagógica que valoriza sua cultura e realidade, assim deixando de lado a visão de que o campo é lugar de 'atrasados'.

> Embora a concepção da educação do campo venha se fortalecendo nos últimos anos, vale destacar que a situação pedagógica e de infraestrutura nas escolas públicas ainda é bastante precária. Por um lado, em muitos estados as escolas passaram por um processo de nucleação- politica municipal e/ou estadual de fechamento de escolas e abertura ou fortalecimento de escolas localizadas numa área central, entre bairros ou vilas rurais. (SOUZA, 2008, p. 198)

Ou seja, há muita problemática envolvendo a educação, no campo, por exemplo, apesar do aumento do transporte escolar nas zonas rurais, os alunos permanecem por longos períodos dentro dos ônibus; ainda não se tem uma prática pedagógica de qualidade; faltam professores com formação especifica na área atuante; enfrenta-se o problema de infraestrutura dos prédios escolares; falta de materiais, enfim, se faz necessário um conhecimento mais aprofundado sobre a realidade do campo para que se possam colocar em prática os projetos de melhoria.

> A prática pedagógica, entendida como uma dimensão da prática social é gerada no estabelecimento de relação entre os conhecimentos do processo de formação inicial dos profissionais da educação e os conhecimentos adquiridos no conjunto das ações desenvolvidas no mundo da escola e da política local da educação. (SOUZA, 2008, p. 199)

É através da prática e da vivência que se adquire o conhecimento para melhoria da qualidade de ensino, atendendo as necessidades específicas de um determinado grupo, local, no caso, a escola.

Segundo Souza (2008), o planejamento pedagógico é baseado na realidade da comunidade do local, mas infelizmente muito profissional não possui acesso às informações

necessário para seu desenvolvimento, sem as orientações e os materiais necessários os professores enfrentam dificuldades em selecionar os conteúdos bases e relacionar com a realidade do aluno.

> O professor da escola localizada no assentamento enfrenta o conflito entre organizar um conteúdo independente das orientações oficiais do Estado ou seguir os documentos e livros de sua escolha, fazendo as relações possíveis. (SOUZA, 2008, p.101)

Daí a importância da formação continuada específica aos professores da escola do campo.

Na metodologia, segundo entrevista do autor do texto com um professor, afirma também a importância da "[...] interação social sob a perspectiva da racionalidade comunicativa parece ser uma das características metodológicas na pratica nas escolas do campo". (SOUZA, 2008, p. 101)

> A dinâmica dos projetos é caracterizada pela interação da comunidade no contexto escolar, pelo estabelecimento de relações com outros assentamentos e atividades em grupos, a exemplo de uma experiência que teve o objetivo de conscientizar sobre a importância dos alimentos e da produção orgânica. . (SOUZA, 2008, p. 102)

Assim escolhem temas que envolvem a todos, por exemplo, temas sobre a discriminação que sofrem perante a sociedade urbana.

> Cabe comentar que a maioria dos professores não tem vínculos orgânicos com o MST, e que estes não se orientam unicamente pela politica oficial na conduta da aula. Eles se esforçam para organizar um processo pedagógico em que os conteúdos escolares oficiais sejam registrados, mas que, também, os conteúdos do mundo da vida dos alunos sejam considerados. (SOUZA, 2008, p. 103)

Como já comentado anteriormente, apesar de nem todos os professores terem acesso aos materiais desenvolvidos especialmente para a educação do campo pelo Movimento Social, eles desenvolvem suas aulas a partir de uma investigação com alunos e familiares, percebendo sua realidade e inserindo-a em sua metodologia.

> A educação é mais um direito social que, quando garantido, propicia a ampliação da formação humana e da dignidade da pessoa. Diante dos determinantes estruturais e conjunturais da sociedade brasileira, não será a educação que permitirá aos povos do campo continuarem no campo, mas, sem duvida, ela é um direito humano fundamental para que eles tenham dignidade e meios de lutar pelas condições básicas de vida, no lugar em que escolheram para viver. (SOUZA, 2008, p. 104)

Assim a escola tem um papel muito importante para a comunidade do campo, ensinando os a valorizar sua cultura local e seu reconhecimento de inserção na sociedade com a dignidade a que tem direito.

Para compreender o que é educação do campo recorri ao texto sobre "Educação do campo: Diferenças mudando paradigmas." (BRASIL, SECAD/MEC, 2007)

"[...] O reconhecimento de que as pessoas que vivem no campo têm direito a uma educação diferenciada daquela oferecida a quem vive nas cidades é recente e inovador", e somente foi possível a partir da instituição, pelo Conselho Nacional de Educação, das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo.

> A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, em seu Artigo número 105, estabeleceu que "os poderes públicos instituirão e ampararão serviços e entidades que mantenham na zona rural escolas capazes de favorecer a adaptação do homem ao meio e o estimulo de vocações profissionais". (BRASIL, SECAD/MEC, 2007, p. 11)

Assim não tendo a necessidade de deslocamento para a cidade, para ter direito a educação garantida por lei.

> No processo de resistência a ditadura militar, e mais efetivamente a partir de meados da década de 1980, as organizações da sociedade civil, especialmente as ligadas a educação popular, incluíram a educação do campo na pauta dos temas estratégicos para a redemocratização do pais. A ideia era reivindicar e simultaneamente construir um modelo de educação sintonizado com as particularidades culturais, os direitos sociais e as necessidades próprias a vida dos camponeses. (BRASIL, SECAD/MEC, 2007, p. 11)

Garantindo aos camponeses uma educação que respeite as suas especificidades. [...] O objetivo era o estabelecimento de um sistema público de ensino para o campo, baseado no paradigma pedagógico da educação como elemento de pertencimento cultural.

> Destacam-se neste momento as educativas do Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e do Movimento Eclesial de Base (MEB). (BRASIL, SECAD/MEC, 2007, p. 12)

Entre outros, com uma intenção de melhores qualidades de ensino no campo, adequando-a no seu contexto social, ambiental e cultural.

> Em complemento, a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) estabelece uma base comum a todas as regiões do país, a ser complementada pelo sistema federal, estaduais e municipais de ensino e determina a adequação da educação e do calendário escolar as peculiaridades da vida rural e de cada região. (BRASIL, SECAD/MEC, 2007, p. 12)

Tudo para melhorar a qualidade de ensino e conscientizar a sociedade como um todo. [...] Em 1998, foi criada a "Articulação Nacional por uma Educação do Campo", entidade supra organizacional que passou a promover e gerir as ações conjuntas pela escolarização dos povos do campo em nível nacional. [...] A fim de atingir o maior numero de camponeses brasileiros possíveis.

> No paradigma da educação do campo para o qual se pretende migrar, preconiza-se a superação do antagonismo entre a cidade e o campo, que passam a ser vistos como complementares e de igual valor. Ao mesmo tempo, considera-se e respeita-se a existência de tempos e modos diferentes de ser, viver e produzir, contrariando a pretensa superioridade do urbano sobre o rural e admitindo variados modelos de organização da educação e da escola.((BRASIL, SECAD/MEC, 2007, p. 13)

Ou seja, suprindo as necessidades, respeitando as especificidades do local, sem desmerecer quem nele vive como ser diferentes que são não inferiores.

> A necessidade de mudança do paradigma da educação rural para a educação do campo se dá não só pela analise critica da escola rural como também das propostas desenvolvimentistas para o campo, em geral centradas no agronegócio e na exploração indiscriminada dos recursos naturais. (BRASIL, SECAD/MEC, 2007, p. 13)

Não se esquecendo de que os valores rurais vão além da educação, as riquezas naturais que devem ser exploradas de maneira consciente, e que o camponês deve aprender, a sustentabilidade e a diversidade ambiental.

> Nesse contexto as escolas do campo são aquelas que têm sua sede no espaço geográfico classificado pelo IBGE (Instituto Brasileiro...) como rural, assim como as identificadas com o campo, mesmo tendo sua sede em áreas consideradas urbanas. Essa ultima são assim consideradas porque atendem a populações de municípios cuja produção econômica, social e cultural esta majoritariamente vinculada ao campo. (BRASIL, SECAD/MEC, 2007, p. 14)

Assim sendo, é necessário se atentar ao fato de que muitas escolas urbanas atendem alunos do campo possuindo algum tipo de vinculo ao campo.

> A criação da Coordenação-Geral de Educação do Campo, no âmbito da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, é também um marco organizacional que demonstra a vontade do Governo Federal de consolidar a Educação do Campo como política pública permanente. (BRASIL, SECAD/MEC, 2007, p. 15)

Para um melhor reconhecimento e valorização das necessidades particulares e realidade do camponês.

Segundo o texto “Os saberes da terra: Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos”, integrada à qualificação social e profissional para agricultores e agricultoras familiares, foi criado pelo Governo Federal para enfrentar as desigualdades educacionais entre o campo e a cidade. Sua metodologia reconhece as necessidades próprias e a realidade diferenciada do campo.

> O Programa estimula e apoia o fortalecimento e a ampliação das iniciativas de acesso e permanência de jovens agricultores familiares na rede publica de ensino. É uma parceria entre os Ministérios da Educação, do Trabalho e Emprego, do Desenvolvimento Agrário e da Cultura e envolve parcerias locais entre as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, organizações não governamentais e movimentos sociais e sindicais do campo.
> O objetivo geral é elevar a escolaridade de jovens e adultos agricultores familiares, proporcionando certificação correspondente ao ensino fundamental, integrada à qualificação social e profissional. (BRASIL, SECAD/MEC, 2007, p. 27)

Atendendo especial aquelas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, ou que estão afastadas da escola a muito tempo, que pretendem se profissionalizar sem a necessidade de sair da zona rural, dar continuidade ao trabalho do campo, mas com uma especificação na área, tendo a oportunidade de participar de um programa que atenda as suas necessidades e respeite as suas especificidades, valorizando a experiência de vida como homem do campo, encontrando a facilidade de um estudo sem sair fora da sua realidade. A intenção também é diminuir o índice de analfabetismo e evasão escolar no campo.

> A base legal para a instituição de politicas publicas diferenciadas para o atendimento escolar das pessoas que vivem e trabalham no campo prescreve a adequação do calendário escolar as condições climáticas e ao ciclo agrícola, bem como a contextualização da organização curricular e das metodologias de ensino as características e realidades da vida dos povos do campo. (BRASIL, SECAD/MEC, 2007, p. 28)

O programa é interessante, pois analisa e considera cada aspecto da vida do camponês, levando em conta o trabalho braçal, a produção rural e o seu ciclo, qualificando-as profissionalmente em áreas de sua natureza, com metas a cumprir, oferecendo também diversos benefícios ao camponês estudante.

Segundo Capelo (s/a) “ Diversidade e o Campo na Educação do Paraná”a educação do campo é sim uma educação diferenciada. Pois deve ter sua especificidade, ser não só diferente, mas acrescentadas, muitas vezes não é dado o valor devido às pessoas que vivem no campo, inferiorizando a sua educação, não e dada a devida importância, achando-se desnecessário ter educação do campo, como se uma pessoa que vive no campo não precisasse estudar para viver melhor , bastando saber plantar, cuidar dos animais.

Mas até mesmo para cuidar da sua propriedade deve-se estudar. Pois a educação faz com que a pessoa cresça de dentro para fora, abrindo a mente e mesmo morando distante de tanta tecnologia que a vida urbana oferece. Pode-se ter seu devido progresso ali em seu meio, na lida, na administração de burocráticas, dificuldades, enfim, de tudo o que envolve a sua vida no campo. (CAPELO, s/a).

Aprendendo a defender seus interesses, a sua dignidade e seus direitos enquanto cidadão, tendo opinião própria, desenvolvendo o senso critico, atualizando seus conhecimentos.

Cabe ao educador saber trabalhar conforme o ambiente em que vive o aluno do campo, enriquecendo suas aulas em função da diversidade cultural e ambiental, sabendo

respeitar a classe rural e suas especificidades, reconhecendo os valores, trabalhando a criatividade e força de expressão. [...] “O povo tem o direito a ser educado no lugar onde vive com suas especificidades e valores culturais reconhecidos.” (CAPELO, s/a, s/p)

A educação do campo deve condizer com o cotidiano em que vive o homem do campo. Os movimentos sociais lutam por uma educação digna e condizente ao cotidiano do homem camponês, incluindo a luta pela terra.

FIG 02 – PLANTAÇÃO DE GIRASSOES

Fonte: Imagem retirada do site: http://www.google.com.br/search?hl=pt
Acesso em 20 de outubro de 2013

O girassol é o símbolo da educação do campo, porque assim como o trabalhador do campo se orienta pelo sol, o girassol também, e a educação é também uma orientação.

CAPÍTULO 3

O ENSINO DA ARTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA DO CAMPO

Nesse terceiro capítulo apresento "O Ensino da Arte nos Anos finais do ensino Fundamental na Escola do Campo": um estudo de caso, numa escola estadual no Assentamento Itamarati. Apresento ainda, onde e como foi a realizada a Pesquisa; A Escola Estadual Nova Itamarati; Observações das Aulas; Perfil da Professora Entrevistada; Entrevista; Projeto e Aplicação do Projeto e a Análise e interpretação realizada.

3.1 COMO FOI REALIZADA A PESQUISA:

A pesquisa foi realizada através de observações das aulas de arte, nos anos finais do ensino fundamental, através de conversas gravadas com a professora regente, e ainda com da leitura do Projeto Político Pedagógico da escola, aplicação do projeto de ensino nos anos finais do ensino fundamental, e diálogo com os alunos sobre as aulas de arte e a atividade proposta.

3.2 A ESCOLA ESTADUAL NOVA ITAMARATI:

A Escola Estadual Nova Itamarati, localiza-se na BR 164, km 51, no Projeto de assentamento Itamarati, município de Ponta Porã, Estado de Mato Grosso do Sul, a qual conta com uma infraestrutura voltada para o campo. A população da referida escola é composta por pessoas originárias de diversos movimentos sem terra, e ainda de outros assentamentos de diferentes ideologias, e movimentos sociais, Muitos alunos são filhos de comerciantes e funcionários públicos, e outros de ex-funcionários da antiga fazenda Itamarati. (PPP, 2012).

A maioria dos moradores do projeto do assentamento Itamarati, são agricultores familiares com nível de escolaridade entre o 1º ao 9º ano do ensino fundamental. As crianças

do assentamento estão na escola, mesmo enfrentando muitas dificuldades de acesso pela distância em que residem. Mas, atualmente contam para sua locomoção com uma frota 20 (vinte) ônibus escolares que circulam no assentamento, facilitando o acesso dos estudantes e ainda de alguns professores e funcionários até a escola. (PPP, 2012).

FIG 03 –FROTA DE ONIBUS NA SAÍDA DA ESCOLA

Fonte: arquivo pessoal

O assentamento Itamarati, foi implantado em 11 de agosto de 2004, em área adquirida pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária da Fazenda Itamarati, totalizando uma área de 24.946.5000 há. (vinte e quatro hectares, novecentos e quarenta e seis ares), onde foram assentadas 1.692 (um mil e seiscentos e noventa e dois) famílias.

Apresentamos o mapa de localização do assentamento onde foi realizada a pesquisa.

FIG. 04 – MAPA DO ASSENTAMENTO

Fonte – Borralho (2012)[3]

[3] BORRALHO. Jackson Campos. Dificuldades, Avanços e Desafios do Assentamento Itamarati II: Uma Analise

A escola Estadual Nova Itamarati, iniciou suas atividades escolares em 1975, sob o nome de Escola Rural Itamarati, localizada na sede da Fazenda Itamarati Agropecuária, com prédio cedido pela mesma empresa. Apresento algumas figuras fotografadas dos quadros disponíveis na parede da secretaria da escola para mostrar como seu prédio físico mudou em 40 anos.

FIG. 05 – PRÉDIO DA ESCOLA EM 1975

Fonte – Foto tirada do quadro da parede da escola

No ano de 1979 até 1982, a escola denominou-se Escola Municipal de 1º Grau Itamarati, com as turmas de 1ª e 4ª séries

FIG. 06 – PRÉDIO DA ESCOLA NO ANO 1980

Fonte: foto tirada do quadro da parede da escola

As turmas de 5ª a 8ª séries criadas em 1981 até 1984, eram neste período extensão da

---

de Caso do Grupo Bafo da Onça. Pesquisa de Campo/Jackson Campos Borralho. Ponta Porã/MS – Faculdade de Ponta Porã-FAP, 2012.

Escola Estadual Adê Marques, localizada no município de Ponta Porã, conforme informativo Nº. 5722/81. A partir do ano de 1985, através do Decreto nº. 2.909 de 14/02/85, foi criada a Escola Estadual de 1º Grau Fazenda Itamarati, localizada no mesmo prédio.

FIG. 07 – PRÉDIO DA ESCOLA EM 1985

Fonte – Foto tirada do quadro da parede da escola

Consta no Projeto Político Pedagógico (2012) que em 1987, conforme Deliberação nº. 1.708 de 06/11/87, foi desativada a Escola Municipal de 1º Grau Itamarati. E, então, no ano de 1991, por meio da Deliberação CEE nº 2.729 de 07/03/91, foi autorizado o curso de 2º grau Lei 7.044/82 da entao Escola Estadual de 1º e 2º Graus Fazenda Itamarati.

E, no ano de 1992, atraves da Deliberação CEE nº 3.419 de 16/12/92, foi permitido a Educação Pré-escolar; na Escola Estadual de Pré-Escolar, 1º e 2º Graus Fazenda Itamarati. Sendo que o Decreto 9. 104 de 12/05/98, da Governadoria, decretou que todas as Escolas tivessem suas denominações alteradas, dessa, a escola então, passou a denominar-se Escola Estadual Fazenda Itamarati.(PPP, 2012).

> A partir do ano de 2005, com a venda da outra parte da Empresa Fazenda Itamarati para fins da Reforma Agrária e a vinda de assentados, houve a necessidade de mudança no nome da Escola e através do Decreto 3.152 de 23/12/05, a escola passa a se chamar ESCOLA ESTADUAL NOVA ITAMARATI, com uma população escolar que veio de vários lugares do Estado e País, onde o espaço já não comportou todos os alunos no mesmo prédio, havendo a necessidade de se criar salas improvisadas no INCRA, no hospital e no antigo mercado. (PPP, 2012, p. 04).

E, foi em 2006 que a instituição passou a ter uma extensão, comportando parte dos

alunos da escola pólo, “Escola Estadual Nova Itamarati”, funcionando 08 (oito) salas de aulas, cujo objetivo é reforma e adequação deste prédio cedido para comportar todos os alunos da Unidade Escolar, uma vez que o prédio da Escola Pólo era bastante antigo, pequeno, e precisando de muitas reformas.(PPP, 2012).

Todavia, em meados de 2008, a escola passou a ter vários projetos para melhoria disciplinar e ensino aprendizagem, atendendo alunos, pais e comunidade em geral. Em novembro do mesmo ano, iniciou-se a reforma e ampliação do prédio da atual escola. Durante o ano de 2009, alunos, professores, pais e comunidade acompanharam todo o processo de construção, reforma e ampliação da instituição.(PPP, 2012). Também em 2009 foram implantados vários projetos na escola como:

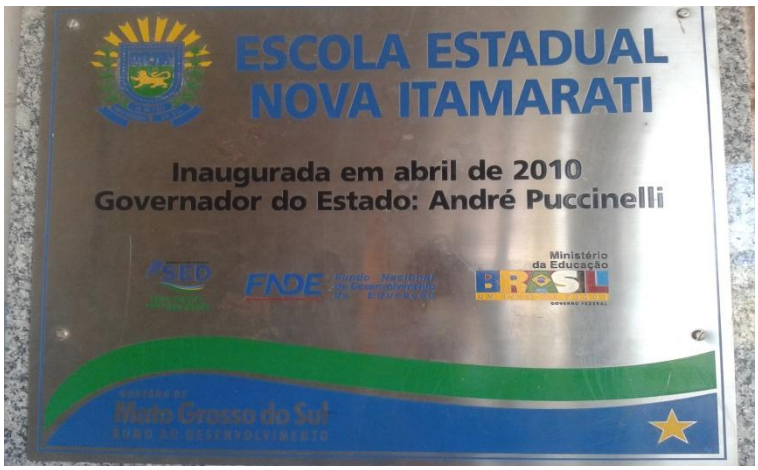
> - Projeto judô para todos;
> - Projeto de violão “SOM TERRA”;
> - Projeto de teatro;
> - Aulas de treinamentos: Tènis, Xadres, Dama, Voleibol e Futsal. (PPP, 2012, p.04-05).

A escola no ano de 2010, foi inaugurada com uma estrutura física toda reformada na antiga oficina das máquinas da antiga Fazenda Itamarati.

FIG. 08 – PRÉDIO DA ESCOLA NO ANO 2010

Fonte: Foto tirada do quadro da parede da escola próximo à secretaria

FIG. 09 – PLACA DA INAUGURAÇÃO DA ESCOLA



Fonte: arquivo pessoal

Em 2012, a Escola passou a funcionar com a modalidade de Educação Básica do Campo, com Eixos Temáticos: Terra-Vida-Trabalho, através da RESOLUÇÃO/SED. Nº 2.507, de 29 de dezembro de 2011.

Em 2013, a Escola Estadual Nova Itamarati passa a oferecer o Programa de Ensino Médio Inovador (ProEMI), que integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como estratégia do Governo Federal para induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio, compreendendo que as ações propostas inicialmente vão sendo incorporadas ao currículo da escola com a diversidade de práticas pedagógicas.

FIG. 10 – PRÉDIO DA ESCOLA ANO 2013

Fonte: Foto tirada recentemente da frente da escola

O ProEME visa mobilizar alunos, professores e famílias, em torno de metas pactuadas para o mesmo objetivo: garantir que jovens entrem, permaneçam, tenham um bom desempenho e terminem o ensino médio.

3.3 OBSERVAÇÕES DAS AULAS

Realizei dez observações de aulas de arte, na Escola Estadual Nova Itamarati. Nos períodos matutinos e vespertinos. Tendo como professora regente, a arte educadora Suzane Nantes Menegotti.

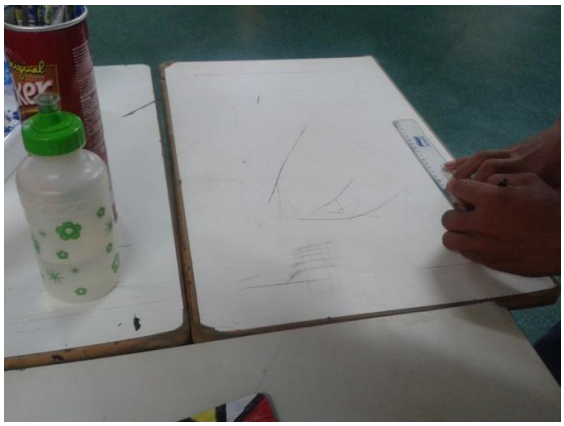
O público alvo da minha pesquisa de observação foi o ensino fundamental anos finais, nível I, que compreende o 6º e 7º anos e o nível II, que são os anos 8º e 9º, do ensino fundamental. As aulas de arte funcionam em níveis porque se faz uma junção de dois anos seguidos e estudam o mesmo conteúdo nas aulas de arte.

Ao observar as aulas, pude constatar a diferença social dos alunos do campo, com os alunos da cidade, são mais humildes, mais simples, não só na maneira de se vestir, como também na maneira como se comunicam, no geral, são mais curiosos, mais respeitosos, uns mais interessados, outros menos, enfim.

Diferentes etnias, culturas, mas sempre dentro da realidade da zona rural.

Na primeira observação, realizada no dia 17 de setembro de 2013, nível II, primeira aula do ensino da arte, período vespertino, havia a quantidade de 09 (nove) alunos, o tema da aula: Formas geométricas, estudadas a partir do trabalho da artista Esther, que utiliza as formas geométricas, coloridas e abstratas, explicação da aula através de slides, em seguida a atividade: utilização de materiais recicláveis, como vidro, caixa de ovos, tampo de mesa, realizaram desenhos geométricos e pintura com tintas diversas.

FIG. 11–TRABALHOS REALIZADOS



Fonte: arquivo pessoal

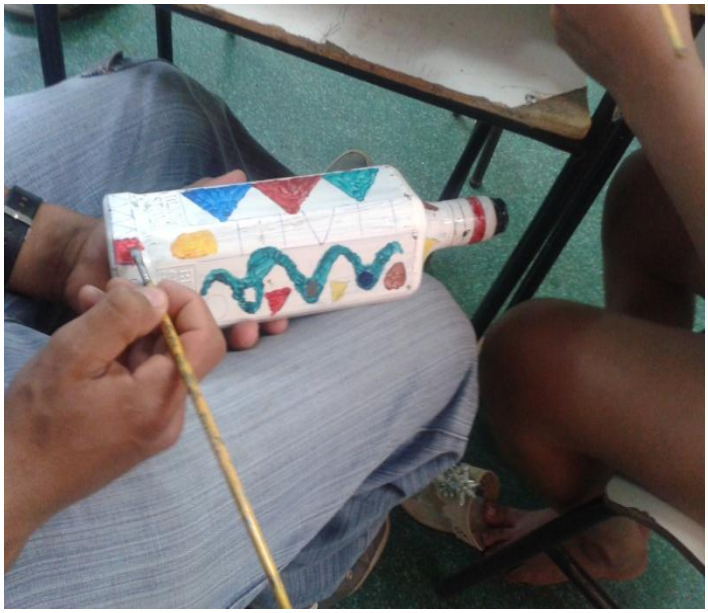
FIG. 12– TRABALHOS REALIZADOS

Fonte: arquivo pessoal

Na segunda observação realizada no mesmo dia, nível I, na quarta aula do ensino de arte, mesmo período, os alunos realizaram uma atividade do livro. Enquanto isso, li os conteúdos de alguns cadernos, na disciplina de eixo temático, uma frase em um texto sobre o assentamento Itamarati, chamou minha atenção: “A educação no campo vai além da escola, está vinculada a um novo projeto social, econômico e ecológico”.

Na terceira observação realizada no dia 27 de setembro de 2013, nível II, primeira aula do ensino de arte, havia a quantidade de 07 (sete) alunos, sendo 05 (cinco) meninos e 02 (duas) meninas, continuação dos trabalhos práticos.

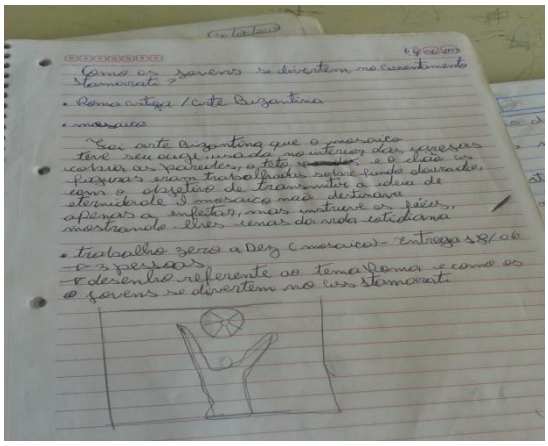
FIG. 13– REALIZAÇÃO DOS TRABALHOS PRÁTICOS



Fonte: arquivo pessoal

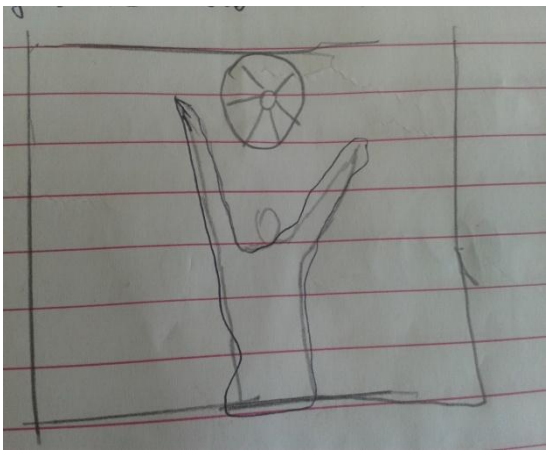
Na quarta observação, realizada no mesmo dia, nível I, segunda aula, foi passado no quadro um texto sobre a Pré-história, enquanto copiavam, observei os cadernos e a aula, haviam desenhos com o tema ‘como os jovens se divertem no assentamento’, desenho de um jogo de vôlei.

FIG. 14– ATIVIDADES DO CADERNO



Fonte: arquivo pessoal

FIG. 15– ATIVIDADES DO CADERNO



Fonte: arquivo pessoal

Na quinta observação, realizada no dia 02 de outubro de 2013, quarta- feira, nível I, período matutino, terceira aula, havia 16 (dezesseis) alunos, realizaram uma atividade de leitura e interpretação do texto passado na aula anterior sobre a pré-história.

Na sexta observação realizada no mesmo dia, nível II, na quarta aula, Releitura de trabalhos do artista Rubem Valentin, trabalhos práticos com recortes de isopor, pintura.

FIG. 16– ATIVIDADES REALIZADAS

Fonte: arquivo pessoal

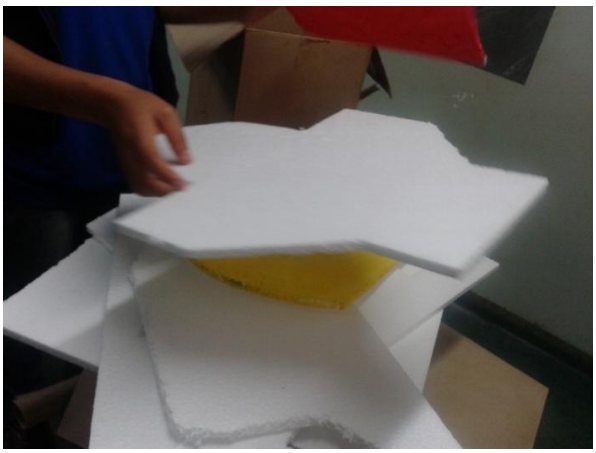
FIG. 17 – ATIVIDADES REALIZADAS

Fonte: arquivo pessoal

FIG. 18– ATIVIDADES REALIZADAS

Fonte: arquivo pessoal

FIG. 19– ATIVIDADES REALIZADAS



Fonte: arquivo pessoal

Na sétima observação, realizada no dia 04 de outubro de 2013, sexta-feira, nível II, (houve mudança de horário de aula de arte, da terça para sexta-feira), período vespertino, primeira aula, 07 (sete) alunos, dia chuvoso, continuação da atividade de pinturas geométricas.

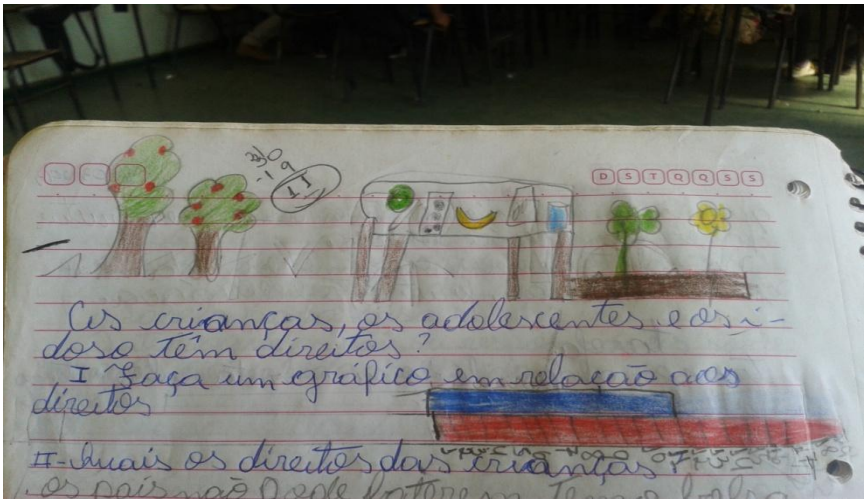
FIG. 20– ATIVIDADES REALIZADAS

Fonte: arquivo pessoal

Na oitava observação, realizada no mesmo dia, nível I, segunda aula, havia 18 (dezoito) alunos, com idade entre 14 e 16 anos, atividade: texto sobre a Arte Renascentista

nos países baixos da Alemanha, em destaque para o artista Pieter, com pinturas campestres. Enquanto copiavam observei os desenhos, e as atividades realizadas, conforme figura 21.

FIG. 21– ATIVIDADES DO CADERNO



Fonte: arquivo pessoal

Na nona observação, realizada no dia 18 de outubro de 2013, sexta- feira, nível II, período vespertino, havia 09 (nove) alunos, a atividade proposta pela professora: Leitura do livro Verde, vol. 3, p. 279, texto sobre sexualidade, ler e responder as questões. Fotos de alguns trabalhos práticos finalizados na aula anterior.

FIG. 22– ATIVIDADES FINALIZADAS

Fonte: arquivo pessoal

FIG. 23– ATIVIDADES FINALIZADAS

Fonte: arquivo pessoal

Na décima observação, realizada no mesmo dia, nível I, segunda aula, havia 18

(dezoito) alunos, a professora passou um texto no quadro sobre 'O Barroco', para copiarem no caderno, a maioria dos alunos estavam fora da sala de aula.

3.4 PERFIL DA PROFESSORA ENTREVISTADA

Prof.ª: arte educadora, Linda Maria[4], com idade 22 anos, estudou o ensino fundamental e médio na escola do campo, formação acadêmica em licenciatura no curso de artes visuais na Faculdade Magsul, sendo quatro anos, concluindo no ano de 2012, atualmente exerce a profissão como arte educadora na escola Nova Itamarati, níveis I e II, períodos matutinos e vespertinos.

3.5 ENTREVISTA

Ao perguntar a Prof.ª Linda Maria sobre "como você inclui a educação do campo nas aulas de arte" ela disse que

> **Prof.ª:** *"Sempre estudei na escola do campo, e, quando estudava, o ensino da arte de hoje, era a educação artística, a gente realizava trabalhos práticos somente nas datas comemorativas, na maioria das vezes desenhos mimeografadas. Só hoje, o ensino da arte, no referencial, é chamado artes visuais, com conteúdo para artes visuais, tudo o que a gente estudou na faculdade, no projeto da aceleração, que é onde se tem a maior parte das aulas".*

A professora conhece a realidade do campo e como realizou uma formação na área de atuação mostra que arte não é desenho mimeografo ou trabalhos práticos .

A professora Linda Maria fala sobre seu trabalho atualmente no projeto de aceleração.

---

[4] Nome fictício para preservar a identidade da profissional.

> *O projeto[5] pede, no mapa conceitual[6], com o tema: Terra-Vida-Trabalho[7], que a gente inclua o cotidiano dos alunos, sendo a vida no campo, então, a gente usa as questões deles do campo, mais o conteúdo do referencial, que é o de artes mesmo, quando não se consegue juntar os dois, a gente divide, trabalha primeiro o mapa conceitual, somente as atividades do campo, depois o conteúdo do referencial.*

Na fala da professora ela demonstra saber que é importante a inter-relação entre saberes do campo e da escola confirmando o que Caldart sugere.

> *O conteúdo do campo, a gente trabalha, questiona, como é a produção deles. Por exemplo, um trabalho de colagem que fizemos, utilizando sementes, trabalhamos toda a forma como adquirem aquelas sementes; como eles plantaram; de que árvore pertencia; como deve ser os cuidados com essa árvore. Eles trouxeram as sementes e a gente fez as colagens, então, estuda-se toda esta parte. Também estudamos as propriedades rurais, fizemos maquetes da propriedade deles, das plantações. Dentro dessa maquete incluímos as disciplinas de matemática, as dimensões e proporções da casa; em arte, trabalhamos as cores, arquitetura da casa, a pintura, ornamentação; a disciplina do eixo temático, que se trabalha a agricultura, também se inclui neste trabalho. Assim, trabalhamos a interdisciplinaridade.*

---

[5] O Projeto Aceleração de Estudos é voltado para estudantes matriculados regularmente na Rede Estadual de Ensino, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, que tenham entre 13 e 17 anos, que não podem ingressar na EJA por terem menos de 18 anos.
Disponível em http://www.sed.ms.gov.br acesso em 28 nov 2013.

[6] Mapas Conceituais são representações gráficas semelhantes a diagramas, que indicam relações entre conceitos ligados por palavras. Representam uma estrutura que vai desde os conceitos mais abrangentes até os menos inclusivos. São utilizados para auxiliar a ordenação e a sequenciação hierarquizada dos conteúdos de ensino, de forma a oferecer estímulos adequados ao aluno. Esta abordagem dos mapas conceituais está embasada em uma teoria construtivista, entendendo que o indivíduo constrói seu conhecimento e significados a partir da sua predisposição para realizar esta construção. Servem como instrumentos para facilitar o aprendizado do conteúdo sistematizado em conteúdo significativo para o aprendiz. Novak é considerado o criador dos mapas conceituais e refere ter usado este em várias pesquisas, contemplando as diversas áreas do conhecimento.
Disponível em http://penta2.ufrgs.br/edutools/mapasconceituais/defmapasconceituais.html acesso em 28 out. 2013.

7 O mapa conceitual, com o tema: Terra-Vida-Trabalho, é utilizado nas disciplinas da escola Nova Itamarati, tal qual se utiliza a pergunta condutora do curso de artes visuais nas faculdades Magsul, citado na introdução deste trabalho.

FIG.24 –EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS

Fonte: disponível em[8] site

A professora arte educadora, Linda Maria, deixa claro a exigência da escola do campo, que os professores incluam nas disciplinas, o cotidiano do aluno do campo, conciliando o referencial teórico com a vida campesina, através do mapa conceitual.

Quando não é possível essa conciliação, trabalha-se individualmente cada questão, assim, contribui para que o aluno vivencie nas aulas, tudo o que vive na sua realidade como camponês, ajudando-o a refletir, conhecer e melhorar a vida que leva no campo, através dos estudos.

3.6 PROJETO E APLICAÇÃO DO PROJETO:

A partir da questão de que o símbolo da educação do campo é a flor do girassol, e conciliando o símbolo, com o ensino da arte, desenvolvi um projeto de ensino, com base numa obra de arte e pigmentos naturais.

Assim, primeiro li um texto sobre a vida do artista.

[8] Disponível em http://www.sed.ms.gov.br

FIG. 24– LEITURA DO TEXTO

Fonte: arquivo pessoal

Sobre o artista, o texto dizia que Vincent Van Gogh nasceu em 1853, filho de um pastor e de uma dona de casa. Foi uma criança calada, que adorava desenhar, e observar a natureza. Utilizou a temática do campo em seus trabalhos artísticos, expressava seus sentimentos e pensamentos em relação à vida, através das cores.

Em seguida, apresentei a eles a obra de arte que iríamos utilizar para realizar a atividade, e o motivo da utilização desta obra, 'Os girassóis', perguntei se sabiam a relação que a obra tinha com a educação do campo, e qual o símbolo da educação do campo, mas nenhum aluno soube responder.

FIG. 25 – OBRA 'OS GIRASSÓIS'

Fonte: site da internet[9]

[9] Disponível em: www.pintoresfamosos.com.br – acesso em 10 de outubro de 2013. Obra "Os Girassóis"(1888), óleo sobre tela.

Esta obra de arte serviu como fonte de inspiração para que eu pudesse desenvolver este projeto de ensino de arte, já que o girassol é o símbolo da educação do campo, utilizei-a para que os alunos fizessem uma produção, desenhando a flor girassol, em um pedaço de papel tipo paraná.

FIG.26 – PIGMENTOS NATURAIS

Fonte: site http://educador.brasilescola.com

Os pigmentos são usados para diversos fins: tingir roupas, instrumentos, e não é de hoje que eles existem. Na História temos relatos que os homens retiravam pigmentos das plantas para reproduzir as cores da natureza. Como exemplo tem os índios, os quais desde os tempos remotos já pintavam o corpo com urucum, e até os chiques europeus usavam legumes para dar cor as suas roupas.

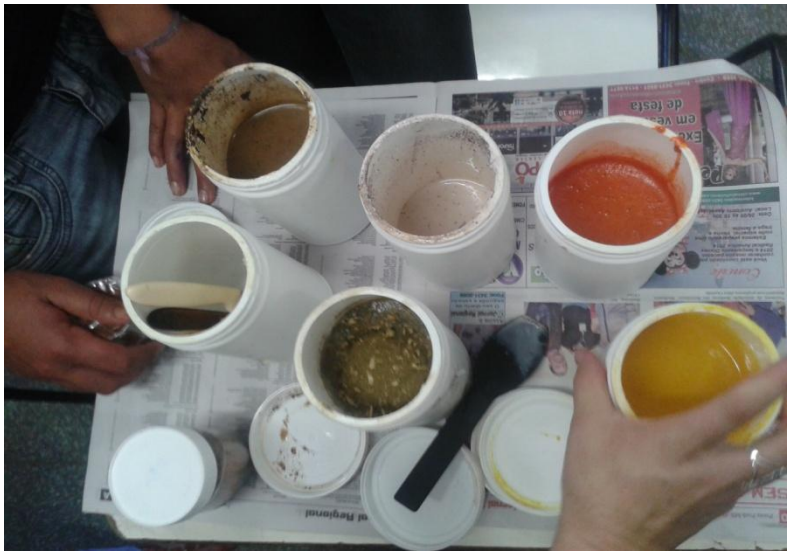
A ideia de aplicar o projeto com pigmento natural, surgiu a partir de um mini curso, aplicado pela professora Mary Rios, na semana acadêmica do curso de artes visuais, no ano de 2010, quando eu estava no segundo semestre da faculdade.

FIG. 26 e 27- EXPLICAÇÃO SOBRE OS PIGMENTOS NATURAIS

Fonte: arquivo pessoal Fonte: arquivo pessoal

Foram utilizados materiais retirados da natureza para produzir os pigmentos naturais. Através da mistura de cola, água e pigmento são possíveis a produção da tinta. A cor amarela se extrai do açafrão em pó, sendo uma raiz; o alaranjado, do pó do urucum, o conhecido colorau, que são pequenas sementinhas extraídas de uma árvore; a cor verde, da erva mate, também cultivada nas propriedades rurais, muito conhecida na região de Ponta Porã; e a cor marrom, que se extrai do cupim, que é um amontoado de terra, que se encontram nos pastos dos campos.

FIG. 28 – OS PIGMENTOS NATURAIS PRODUZIDOS



Fonte: arquivo pessoal

Levando os pigmentos prontos pude ter mais tempo de explicar o processo e suas finalidades, e assim aplicar o projeto de ensino.

FIG. 29 e 30 – APLICAÇÃO DA AULA

Fonte: arquivo pessoal Fonte: arquivo pessoal

Assim, cada aluno, a partir da leitura do texto, apresentação dos materiais, realizou a atividade com prazer e curiosidade.

FIG. 31 e 32 – ALUNOS REALIZANDO AS ATIVIDADES

Fonte arquivo pessoal Fonte: arquivo pessoal

Ao final, será montando, juntamente com a professora regente, um painel, com fundo verde, colando todos os girassóis produzidos, representando assim, uma plantação de girassóis. Sendo apresentados à comunidade escolar e aos moradores do assentamento, na exposição de arte, realizada todos os anos na escola Nova Itamarati, no dia 22 de novembro de 2013, juntamente com exposições de trabalhos de outras disciplinas, como feira de ciências e consciência negra.

A finalidade deste projeto é levar ao conhecimento do aluno, a importância de se utilizar os materiais naturais, existentes no campo, para realização de trabalhos artísticos, ou, até mesmo, para contribuir com possíveis trabalhos artesanais, aumentando a renda familiar, como citou uma aluna durante a aula, dizendo que iria ensinar sua mãe a produzir o pigmento com o urucum da árvore que tem no seu sítio, pois a mesma gosta muito de pintar.

FIG. 33, 34, 35 e 36– ATIVIDADES FINALIZADAS.

Fonte: arquivo pessoal

Também para que o aluno do campo se conscientize da importância das riquezas naturais, do lugar onde moram, e que é possível explorar a natureza de forma consciente, sem prejudica-la, valorizando a biodiversidade, a fauna e a flora. Obtendo diversos conhecimentos, através da vivencia no campo e da participação das aulas de arte.

Ter a consciência da importância do estudo para sua vida, mesmo com a simplicidade do campo.

3.7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Coli (2004), afirma que “[...] a arte constrói com elementos extraídos do mundo sensível, outro mundo.” [..,]. Ferraz e Fusari (1999) que [...] para explicar a importância da arte na educação, o professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o individuo e a sociedade. (FERRAZ E FUSARI, 1999.p.16).

Assim sendo, através do perfil da professora entrevistada, e das observações das aulas de arte, a professora possui as especificidades acima citadas, o de explicar e entender a função da arte e arte educação. Mas em relação a educação do campo, Caldart (s/a), afirma que “[...] os professores para dar aula no campo devem ter conhecimento sobre o campo[...].”

Então, apesar da professora afirmar que estudou todo o ensino básico na escola do campo, e que sempre morou no campo, em sua trajetória de ensino superior nunca leu um livro sequer sobre educação do campo, e que em sua atuação como arte educadora, que se iniciou antes de sua formação acadêmica, teve acesso a somente uma palestra com duração de um dia, sobre o assunto.

Souza (1997) afirma que “[...] o professor do campo enfrenta um conflito entre organizar um conteúdo independente das orientações oficiais do Estado. [...]”.

A professora confirma citando em entrevista que faz o possível para conciliar os dois, referencial teórico com o mapa conceitual, que a escola segue, para aplicação diferenciada da educação do campo, e que, quando não é possível essa conciliação, aplica os conteúdos separadamente.

No projeto de ensino aplicado, houve um interesse e curiosidade geral dos alunos, se surpreenderam com as tintas extraídas da natureza. Pois os materiais utilizados em sala de aula, nas aulas de arte que observei, foram materiais como isopor, tinta para tela, vidros, caixas de papelão.

Também não tinham conhecimento do símbolo da educação do campo, fato que surpreende, pois é de suma importância alunos do campo, terem acesso ao menos aos conhecimentos básicos da educação do campo.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa deste TCC mostrou "*como estão ensinando arte para nossas crianças do campo".* Através das observações realizadas, pude constatar que, as aulas de arte na escola do campo se diferenciam das aulas de arte na escola urbana, pelo fato de que, se acrescenta ao referencial teórico do estado, o mapa conceitual, que conduz as aulas da escola Nova Itamarati, ou seja, aplicam-se as aulas a partir da vivencia do aluno do campo.

Pude constatar a dificuldade do professor, ao realizar tal conciliação, na maioria das vezes, aplica os conteúdos separadamente. E essa fragmentação, dificulta o entendimento do aluno, em relação à importância da junção dos temas, para que seja levado em conta as suas especificidades do campo.

É importante que o professor do campo esteja atento para que a educação não se torne uma educação inferior, mas uma educação diferenciada, até mesmo acrescentando valores, por ser voltada a um público específico, de grande valor perante a sociedade, mas que sofre as mais diversas discriminações perante a mesma, é preciso ensinar os alunos do campo a lutarem pelos seus direitos e cumprir seus deveres, mostrar a eles, de forma mais clara e objetiva, que possuem suas especificidades, tendo a necessidade de um olhar atento das autoridades, levando em consideração a importância que tem para o desenvolvimento do país, já que é do campo que se extrai as maiores riquezas do país, a agricultura, a pecuária, a diversidade da fauna e da flora.

Ao analisar se nas aulas de arte há respeito e valorização da cultura, das origens, levando em conta o ambiente em que vivem os alunos do campo, pude observar, que raramente ocorre essa valorização, que poderia ser realizada através dos recursos da natureza, e ainda com trabalhos artísticos práticos, tendo como tema a realidade do camponês e da vida no campo.

Para contribuir na melhoria do ensino, por meio do projeto ação de arte no campo e despertar para uma valorização da cultura camponesa por meio do artesanato local com recursos naturais. Fiz da seguinte forma: através do projeto de ensino que realizei em sala, ensinei-os como utilizar os recursos da natureza para produzir os pigmentos naturais, onde desse preparo pode- se produzir artesanatos para uma possível comercialização, os alunos ficaram muito interessados em transmitir isso para os pais.

No decorrer deste trabalho de pesquisa, pude aperfeiçoar os meus conhecimentos,

aprendi muito com as observações da escola e das aulas do campo. Os deslocamentos até a escola do campo não foram fáceis, tendo muitas vezes que depender de ônibus ou de carona, mas a permanência na escola valeu o sacrifício, o convívio com professores, alunos e demais funcionários da escola foi muito agradável, pois em sua simplicidade, me trataram com respeito, educação, admiração, me deixando a vontade para desenvolver a minha pesquisa.

Sem contar que recebi uma orientação de mestre, da admirada professora Andréa Natalia, que soube transmitir um pouco da sua grandiosa sabedoria com muita dedicação e carinho.

Enfim, foi gratificante a realização desde trabalho que a meu ver, ainda se encontra em fase de construção, pois quanto mais pesquiso mais coisas novas aprendo, e com a pergunta final do curso, para onde vamos, posso afirmar que este trabalho não se conclui aqui, podendo incluí-lo numa futura pós-graduação, para assim contribuir para uma melhoria de ensino da arte na escola do campo. Pois é gratificante quando se descobre que se pode, através do seu conhecimento, levar conhecimento a outras pessoas carentes deste.

E, ainda com este trabalho aprendi que, como arte educadora, tenho a possibilidade de ensinar aos meus alunos, a valorização do ser humano, a sua origem, a sua cultura, o seu caráter, o seu ser antes do ter.

REFERENCIAS:

BRASIL. SECAD/MEC. Texto: “Educação do campo: Diferenças mudando paradigmas.” 2007

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/ Secretaria de Educação – Brasilia: MEC/SEF, 2001

CALDART. Roseli Salete. Texto: “Educação do campo” (s/a)

CAPELO. Maria Regina Clivati. Texto: “ Diversidade e o Campo na Educação do Paraná”. UNOESTE. (s/a)

COLI, Jorge. O que é arte. Jorge Coli. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos; 46)

FERRAZ, Maria Heloisa Correa de Toledo, FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e., Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Cortez,1999 – 2.ed. – (Coleção magistério. 2º grau. Serie formação do professor)

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção magistério 2º grau. Série Formação geral).

LÜDKE. Menga. Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas/ Menga Ludke, Marli E.D.A. André – São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, Marcia. Artes, ensino fundamental. São Paulo: Anglo, 2005

SITE: http://www.professor.ms.gov.br/ProjetoPolíticoPedagógico/Visualizar.aspx?PPPID=64 Data da visualização: 22/10/2013

SOUZA. Maria Antônia de. Texto: “Educação do campo: políticas e práticas pedagógicas”. 2008

SOUZA. Paulo Nathanael Pereira de. Como entender e aplicar a nova LDB: Lei nº. 9.394/96/ Paulo Nathanael Pereira de Souza, Euclides Brito da Silva – São Paulo: Pioneira, 1997.